

Luzinete de Souza Oliveira
Danielli Veiga Sondermann
Larissy Alves Cotonhoto



Jogos e inclusão: possibilidades para o ensino de Ciências para alunos com deficiência intelectual



Edifes
ACADÊMICO

LUZINETE DE SOUZA OLIVEIRA
DANIELLI VEIGA SONDERMANN
LARISSY ALVES COTONHOTO

JOGOS E INCLUSÃO: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS
PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

1ª Edição



Edifes
ACADÊMICO

VITÓRIA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO
2021



Edifes

Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Espírito Santo

R. Barão de Mauá, nº 30 – Jucutuquara

29040-689 – Vitória – ES

www.edifes.ifes.edu.br | editora@ifes.edu.br

Reitor: Jadir José Pela

Pró-Reitor de Administração e Orçamento: Lezi José Ferreira

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional: Luciano de Oliveira Toledo

Pró-Reitora de Ensino: Adriana Piontkovsky Barcellos

Pró-Reitor de Extensão: Renato Tannure Rotta de Almeida

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: André Romero da Silva

Coordenador da Edifes: Adonai José Lacruz

Conselho Editorial

Aldo Rezende * Ediu Carlos Lopes Lemos * Felipe Zamborlini Saiter * Francisco de Assis Boldt * Glória Maria de F. Viegas Aquije * Karine Silveira * Maria das Graças Ferreira Lobino * Marize Lyra Silva Passos * Nelson Martinelli Filho * Pedro Vitor Morbach Dixini * Rossanna dos Santos Santana Rubim * Viviane Bessa Lopes Alvarenga

Revisão de texto, projeto gráfico e diagramação: José Almeida

Imagem de capa: freepik.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48j	Oliveira, Luzinete de Souza. Jogos e inclusão: possibilidades para o ensino de ciências para alunos com deficiência intelectual [recurso eletrônico] / Luzinete de Souza Oliveira, Danielli Veiga Carneiro Sondermann, Larissy Alves Cotonhoto. – Vitória, ES : Editora Ifes, 2021. 18719Kb: il.;PDF Publicação Eletrônica. Modo de acesso: http://educimat.ifes.edu.br/index.php/produtos-educacionais Inclui bibliografia ISBN: 978-65-89716-74-7 1. Ciência – estudo e ensino. 2. Formação de professores. 3. Inclusão. 4. Escola-jogos. 5. Ensino fundamental. 6. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. 7. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. I. Sondermann, Danielli Veiga Carneiro. II. Cotonhoto, Larissy Alves. III. Título. CDD: 507
------	---

Bibliotecária: Viviane Bessa Lopes Alvarenga CRB/06-745

Esta obra está licenciada com uma Licença Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Brasil.





CEFOR - Centro de Referência em Formação em Educação a Distância

Diemerson Saquetto

Diretoria Geral

André Assis Pires

Diretoria de Administração e Planejamento

Fernanda Zanetti Becalli

Diretoria de Ensino

Wanderson Romão

Diretoria de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão

As autoras



Luzinete de Souza Oliveira

Mestranda em Educação em Ciências e Matemática pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Especialista em Educação inclusiva e em Artes pelo CESAP. Graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (2008) e Pedagogia pelo INET (2015). Atua há 16 anos na área de educação, 14 anos somente na prefeitura de Cariacica. Tem experiência como professora alfabetizadora e há algum tempo tem atuado como professora PCAI (Professor Colaborador das Ações Inclusivas) e em salas de AEE (Atendimento Educacional Especializado).



Danielli Veiga Carneiro Sondermann

Docente com dedicação exclusiva no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), lotada no Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância (Cefor). Atua nos Programas de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação em Ciências e Matemática (Educimat) e Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Tecnologias Educacionais e Práticas Pedagógicas para professores. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Design Educacional e Inclusão (Gedi). Possui Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com foco no Design Educacional, Educação a Distância, Formação Docente e estudos na área de Universal para a Aprendizagem (DUA) - Universal Design for Learning (UDL) e mestrado em Informática pela Universidade Federal do Espírito Santo (2002) e graduação em Tecnologia.



Larissy Alves Cotonhoto

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (1994), graduação em Pedagogia pela Universidade de Uberaba (2012), mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2001) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2014). Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Tem experiência na área de Psicologia, Educação, Educação Especial e Educação a Distância. Pesquisa temas como aprendizagem, desenvolvimento, formação de educadores, educação especial, inclusão, autismo, deficiência intelectual EaD e tecnologias educacionais.



Olá professor!

Este guia didático é para você, profissional da educação, que assim como eu compreende a importância de discutir a inclusão no contexto escolar e vê relevância em trazer para o ambiente educacional propostas diferenciadas, práticas inovadoras e inclusivas, resultando em um processo de ensino aprendizagem mais prazeroso e dinâmico, em especial para os alunos público-alvo da educação especial.

Reunimos neste material algumas sugestões de abordagem de como os jogos e a ludicidade podem configurar-se como fortes potencializadores no processo de ensino e aprendizagem de conteúdos de ciências da natureza (e em outras disciplinas) para alunos com deficiência intelectual. Este guia objetiva trazer ainda sugestões de jogos como exemplos de possibilidades adaptativas da referida disciplina como alternativa diferenciada com vistas a promover a inclusão.

Assim, durante este trajeto será possível discutir a história das pessoas com deficiência, da educação inclusiva, como a teoria histórico cultural contribuiu para o progresso dessas pessoas e discutiremos, também, como os jogos podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

As sugestões de atividades foram inicialmente pensadas para o Ensino Fundamental II, mas podem ser adaptadas e aplicadas a outros níveis da Educação Básica, desde que sejam feitas as adequações necessárias à realidade escolar.

Este trabalho integra a pesquisa de mestrado “Formação de professores para o uso de jogos no ensino de ciências para alunos com deficiência intelectual” do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática (Educimat), desenvolvida no segundo semestre de 2020.

O objetivo deste trabalho é ser uma fonte de informação e inspirar novas ideias para fomentar discussões dentro do contexto escolar sobre este tema.

Sumário

1 - Introdução.....	07
2 - O que veremos aqui.....	09
3 - Pensando em uma formação.....	10
Primeiro momento.....	11
Segundo momento.....	16
Terceiro momento.....	20
Quarto momento.....	24
Quinto momento.....	28
Sexto momento.....	31
REFERÊNCIAS.....	42

1 Introdução

Por que trazer a temática jogos como forma de inclusão no contexto escolar?



Sabemos que apesar dos avanços na legislação da Educação Especial Inclusiva, ainda há muito a ser feito para alcançarmos mudanças na representação social das pessoas com realização deficiente. A educação, de fato, precisa alcançar a todos e as propostas pedagógicas, bem como o currículo, devem ser pensados para todos, pois, embora com muitas dificuldades, os alunos da educação especial são capazes de adquirir conhecimento.

A partir do relato de alguns educadores percebemos sua dificuldade em planejar aulas mais inclusivas, muitos creditam esta dificuldade à falta de formação inicial e relatam ainda a dificuldade em pensar na adequação de material, entre outros.

Acreditamos que problematizar, discutir e planejar a utilização de jogos no ensino de Ciências para alunos com deficiência intelectual e pensar a construção e a utilização de tais jogos como potencializadores de aprendizagem podem nos ajudar a alcançar os ideais de inclusão no contexto educacional.

Os jogos são importantes instrumentos para o desenvolvimento emocional e cognitivo, pois através deles podemos ensinar atitudes e comportamentos de convívio social e práticas pedagógicas criativas ou inovadoras podem beneficiar a todos.

2 O que veremos aqui

Ao longo do trabalho abordaremos temas como a história das pessoas com deficiências e o histórico de preconceito e segregação envolvidos nesta temática. Abordaremos ainda a educação inclusiva e os movimentos legais, assim poderemos notar que na atualidade já é possível perceber grandes avanços com relação ao diagnóstico de pessoas com deficiência intelectual. O que antes era visto apenas no âmbito da medicina e com base em testes de Quociente de Inteligência, passou então a ser visto com uma visão mais humanizada.

Discutiremos também um pouco sobre a teoria histórico cultural de Vigotski e abordaremos conceitos importantes como Zona de Desenvolvimento Proximal, mediação, defectologia, o homem enquanto ser historicamente construído entre outros. Vale adiantar que, embora poucos saibam, este teórico trouxe grande contribuição para compreensão e o trato das pessoas com deficiência, sendo o precursor na compreensão do homem como passível de desenvolvimento e aprendizagem independente de sua condição física, psíquica ou neurológica, sendo os estímulos oferecidos no meio do convívio os grandes responsáveis pelo despertar desse desenvolvimento.

Vigotski, ao discutir os jogos e brincadeiras, defende seu uso como recurso de extrema relevância para desenvolvimento das potencialidades educativas, uma vez que são importantes ferramentas de mediação. Assim, a utilização de jogos, brinquedos e brincadeiras configuram-se como importantes aparatos pedagógicos no exercício do ensino para todos os alunos, inclusive aqueles com deficiência intelectual.

Veremos ao longo dos encontros como os jogos configuraram-se ao longo da história, assim como seu uso dentro do contexto educacional, em especial para alunos com deficiência.

Ao final do trabalho apresentaremos duas adaptações de jogos para abordar conteúdos de ciência no contexto de sala de aula regular comum, como possibilidade de inclusão. Lembrando que, embora abordemos aqui os jogos para a disciplina de ciências no Ensino Fundamental II, os mesmos podem ser utilizados em outras disciplinas, assim como outras séries de ensino desde que realizadas adequações.

3 Pensando em uma formação

Chegou o momento de colocar a mão na massa. Vamos aos nossos encontros!



Primeiro momento

Nem sempre foi como conhecemos hoje: a história da pessoa com deficiência. Neste primeiro momento a proposta é abordar a história das pessoas com deficiência e a inclusão, assim teremos como objetivos:

Objetivo geral: problematizar a história das pessoas com deficiência;

Objetivo específicos:

- Discutir a história das pessoas com deficiência;
- Apresentar os principais precursores da educação especial;
- Breve histórico dos avanços na legislação pertinente a pessoas com deficiências.

A seguir, iniciamos essa discussão com uma dinâmica.

Material: separe uma barra de chocolate, coloque-a dentro de uma caixa, feche a caixa, encape-a tentando disfarçar ao máximo o seu conteúdo, de modo que os participantes da dinâmica não possam identificar o que há dentro da caixa.

Objetivo da dinâmica: observar o quanto você tem medo de enfrentar desafios, uma vez que terá pressa em passar a caixa para o outro. A ideia dessa dinâmica é evidenciar que devemos ter coragem e enfrentar os desafios da vida para sermos bem-sucedidos. Como fazer: o responsável pela equipe deve reuni-la em círculo em uma sala. Anuncie aos participantes que na caixa há um desafio surpresa, que deve ser feito por quem estiver com ela nas mãos quando a música parar. Coloque uma música animada para tocar, e alguém de costas para o grupo para pausar a música quando quiser.

Em seguida, comece a passar a caixa de mão em mão no círculo formado pela equipe. Ao parar a música, o organizador faz um breve suspense e dá a alternativa, para que a pessoa que está com a caixa, possa passá-la para frente.

Faça perguntas como, por exemplo, “Está preparado?”, “Você vai ter que pagar um mico, sabia?”, “O que estiver aí, você vai ter que obedecer, quer abrir mesmo assim?”. Repita este processo até que algum participante se prontifique a abrir a caixa, quando isso acontecer, ele vai encontrar o chocolate. A moral da história é descobrir que quando aceitamos um desafio, podemos encontrar também surpresas agradáveis.



A dinâmica está disponível no endereço eletrônico:

<https://minhasatividades.com/dinamicas-para-lidar-com-o-medo/>

Ao final da dinâmica, sugerimos levar o grupo a refletir sobre os nossos medos: do desconhecido, de ter um aluno com deficiência em sala de aula, principalmente se esta for severa, medo por não saber ao certo como lidar com esta situação. No entanto, se abirmos mão desse medo e encararmos o desafio e fazendo o melhor que pudermos, o desafio pode trazer boas surpresas. Foi assim comigo no meu primeiro desafio na educação especial e pode ser assim com você também.

Sugerimos agora um vídeo motivador, o curta metragem “Cuerdas”, que propicia problematizar o início da discussão de forma bem positiva, vez que apresenta uma reflexão sobre a importância da interação com o meio como potencializador de aprendizagem, assim como nos leva a refletir sobre o papel da escola neste processo. Deixaremos o link do vídeo ao final deste tópico.

Após este momento é importante cada participante trazer sua compreensão e impressões sobre o vídeo.

Para discutir o conteúdo da trajetória das pessoas com deficiência sugerimos dois artigos: “Educação Especial na História - da Idade Média ao século XX” de Maria Ângela Monteiro Corrêa (2005) e “Nuances entre o passado e o presente no tratamento das pessoas com deficiência: vencendo o preconceito” de Orlando Narvaes de Campos *et al.* (2019).

A seguir apresentamos de forma bem resumida o assunto, no entanto esclarecemos que a leitura dos textos na íntegra não deve ser descartada. Sugerimos que em todos os encontros a explanação do tema se dê em forma de slides com vistas a tornar a apresentação mais dinâmica.

Vamos lá então...

No primeiro artigo, Corrêa (2005) nos apresenta um pouco da trajetória da educação especial e constatamos que em cada sociedade havia uma particularidade ao trato dessas pessoas.

Sabemos que a Idade Média foi considerada a “Idade das Trevas” dada a ausência de conhecimento, neste período as pessoas com deficiência eram vistas sob um olhar místico, sobrenatural, como forma de explicar as deformidades físicas e os comprometimentos mentais e sensoriais. Durante a Idade Média e Reforma muitas dessas pessoas foram condenadas à morte. A partir do século XVI os médicos Paracelso e Cardano passaram a defender uma visão desvinculada da religião, voltada para a medicina ao trato dessas pessoas. No século XVII, as instituições religiosas começaram a oferecer assistência aos deficientes, iniciando assim o cuidado assistencialista.

Ao longo dessa trajetória, desde uma visão religiosa mística, passando pela médico-organicista, até uma visão mais social da deficiência, personagens importantes como Esquirol, Seguin, John Locke, Rousseau, Condillac, Jean Itard, Pestalozzi, Froebel, Montessori entre outros, prestaram singular colaboração para compreensão e o trato das pessoas com deficiência.

Já no segundo artigo sugerido, quando abordamos a questão das pessoas com deficiência aqui no Brasil ao longo da história, percebemos que ao assunto não era dada a devida importância, talvez por se tratar de um país em desenvolvimento.

Somente por volta do século XIX foram introduzidos ensinamentos em internatos para cegos e surdos-mudos. Até os anos de 1960 a linguagem de sinais era energicamente proibida com intuito de não prejudicar a linguagem oral. Ainda neste período todos os trabalhos voltados para este segmento eram de caráter mais assistencialista.

Em 1989 constitui-se a Lei 7.853/1989 que tratava do apoio às pessoas com deficiência e sua integração social. Em 1996, com a Lei 9.394/1996 inicia-se a busca por propostas mais inclusivas dentro do meio educacional, permitindo que cegos, surdos, mudos, deficientes intelectuais e físicos passassem a ter acesso adequado a uma aprendizagem de qualidade. Em 2007 essas ações foram reforçadas pelo Ministério da Educação com a edição de uma política especial proposta pela ONU. Aquelas ações outrora mais assistencialistas ou segregacionistas nos ambientes especializados dariam lugar à inserção dessas pessoas nas salas regulares de ensino, como forma de democratização do saber.

De lá para cá notamos alguns avanços, como a Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, a qual defende a necessidade de superação das desigualdades e implantação de ações equitativas de modo a atender as pessoas com deficiência.

Sabemos que ainda há muito a ser feito para que a pessoa com deficiência alcance a acessibilidade de forma plena para alcançar independência, no entanto, ainda que a passos lentos, caminhamos rumo a uma sociedade mais inclusiva. Objetivo que só iremos alcançar com o forte investimento do Estado em políticas públicas inclusivas e com a conscientização da sociedade.

Após a explanação dos textos, por meio de explicação e de slides, sugerimos abrir a discussão para o grupo onde os participantes compartilharão suas impressões e compreensão sobre o assunto explanado.



Links dos materiais utilizados para este encontro:

<http://docplayer.com.br/56446129-A-educacao-especial-na-historia-da-idade-media-ate-o-seculo-xx-esperamos-que-apos-o-estudo-do-conteudo-desta-aula-voce-seja-capaz-de.html>

https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20190312104958.pdf

<https://soucatequista.com.br/voce-tem-medo-de-enfrentar-desafio-confira-a-dinamica.html>



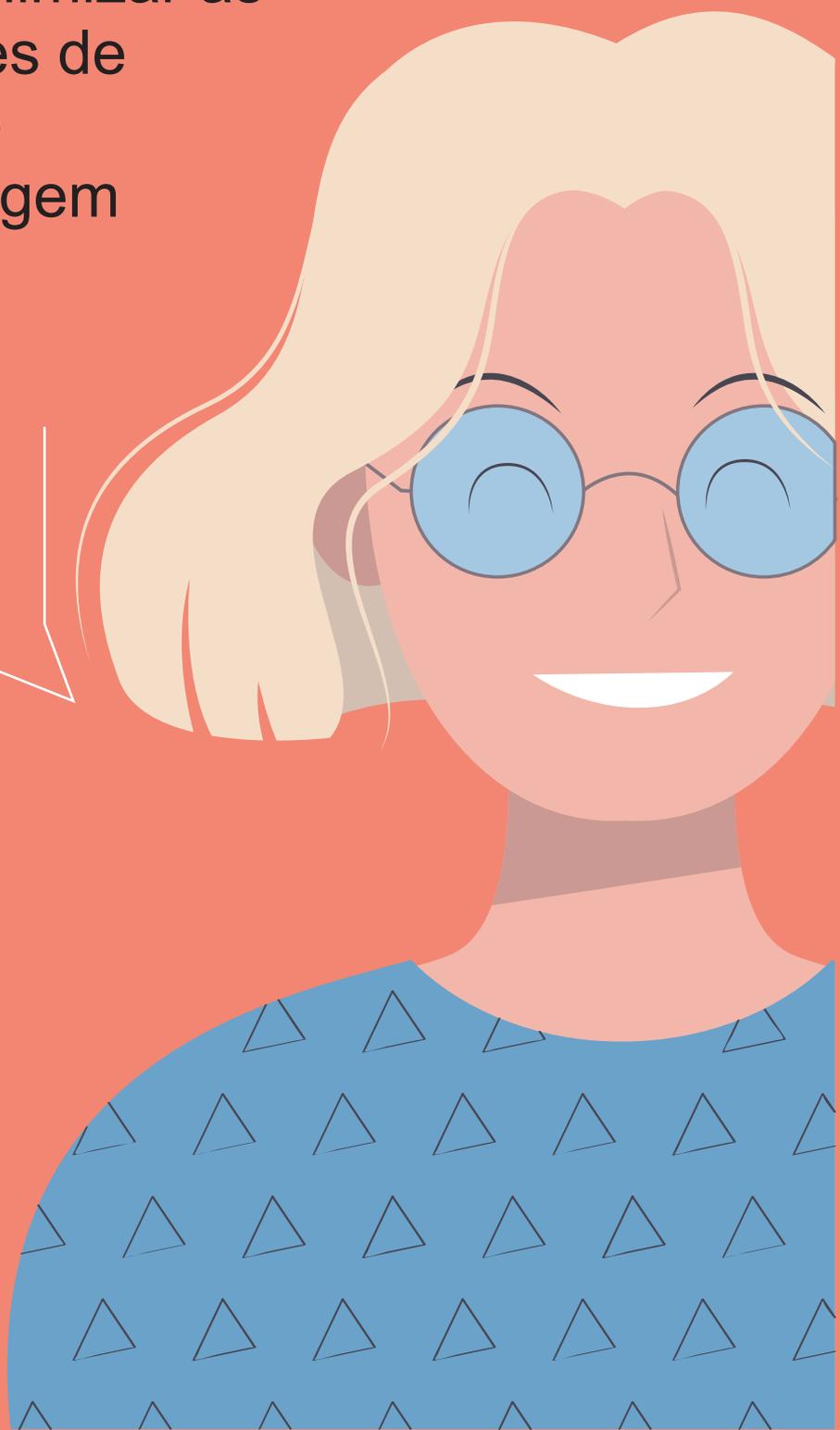
Deixamos ainda como sugestão de material complementar os vídeos “Dicas de convivência” e “Linha do tempo: Educação inclusiva”, disponíveis respectivamente em :

https://www.youtube.com/watch?v=KWzHiZZUc20&feature=emb_title

https://www.youtube.com/watch?v=a4Ntfg98xIY&feature=emb_title

Dica de reflexão

O que eu, enquanto professor regente de disciplina, no contexto de sala de aula, tenho feito para minimizar as desigualdades de oportunidade de aprendizagem para meus alunos público-alvo da educação especial?



Segundo momento

A abordagem histórico-cultural: alguns conceitos a partir da obra de Vigotski.

Compreendendo a teoria histórico cultural de Vigotski como um importante marco para a compreensão das pessoas com deficiência, reservamos esse tópico somente para estudá-lo. Aqui vamos discutir sobre sua teoria e o que apontam seus estudos. Desse modo neste encontro temos como objetivos:

Objetivo geral: conhecer a teoria histórico cultural de Vigotski.

Objetivo específico: compreender os principais conceitos da obra do autor e sua contribuição para o campo da educação especial.

Para auxiliar neste tópico deixamos a sugestão de 2 artigos: “Vygotsky: sua teoria e a influência na educação” de Luana Coelho e Silene Pisoni e “Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social” de Márcio Ferrari. Ambos estão disponíveis ao final do tópico.

A fim de fomentar o início da discussão sugerimos a exibição do vídeo “Crianças selvagens”, disponível no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=C5cYyM-N-M8E>. Com base neste vídeo podemos fazer as seguintes indagações: o que diferencia as crianças ali representadas das demais crianças? Elas são mesmo selvagens ou o meio de convívio as tornaram selvagens?

A seguir apresentamos de forma resumida alguns recortes dos estudos de Vigotski pertinentes a este trabalho. Deixamos claro, mais uma vez, que a leitura dos resumos é apenas introdutória e que a leitura dos textos na íntegra é muito importante para se inteirar sobre o assunto.

Vamos lá então...

Lev Semynovich Vigotski, considerado o teórico do ensino como processo social, é um dos estudiosos que mais exerce influência no contexto educacional. Suas teorias até hoje são atuais, muito discutidas no mundo acadêmico e apresentam a importância da escola como locus das interações sociais.

Podemos dizer que havia em Vigotski uma preocupação em abordar questões que pudessem contribuir, de alguma maneira, para a área educacional. Tinha certa preocupação em compreender como se dava o desenvolvimento em pessoas com deficiência

e se tornou um dos primeiros a discutir estas questões, partindo do princípio da educabilidade das pessoas com deficiência.

Em seu tempo a disciplina que se destinava ao estudo do desenvolvimento das pessoas com deficiência era denominada de defectologia. Para este autor, a defectologia objetivava estudar o processo de desenvolvimento nestas pessoas, assim como propor situações que pudessem auxiliar em seu processo.

Vigotski aponta que o desenvolvimento humano ocorre de acordo com o estímulo que o meio social lhe proporciona. Ao nascer, a criança traz apenas as funções psicológicas elementares e, a partir da convivência com os demais da sociedade, irá desenvolver as funções psicológicas superiores, que seriam aquelas ligadas ao comportamento e à cultura (COELHO; PISONE, 2014).

Desse modo, a criança com algum atraso mental, ao vivenciar trocas de experiências com as demais crianças, apropria-se de conhecimento, sendo que esta apropriação não se restringe à criança com deficiência, mas a todas que participam dessa interação. Assim, a mediação pedagógica surge como um elemento importante na apropriação da cultura pelo sujeito.

É importante frisar também que Vigotski não desconsidera a condição biológica no desenvolvimento, no entanto, defende que o desenvolvimento humano ocorre em consonância entre as forças biológicas, psicológicas, históricas e sobretudo culturais, de forma indivisível e como um todo.

Este autor vê a linguagem como fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e apresenta, também, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) como aquele conhecimento que ainda não está consolidado na mente da criança, sendo passível de construção somente a partir da intervenção de um terceiro, seja um adulto, professor ou até mesmo um outro colega, de modo que, para sua realização, a criança necessita de um apoio.

O autor identifica o meio cultural e os estímulos oferecidos à criança como principal aparato para seu desenvolvimento. Assim, quando a deficiência é considerada um impedimento, as limitações passam a ser o centro do processo de ensino, o que dificulta o processo de aprendizagem.

Vigotski apresenta duas grandes diferenças no desenvolvimento de crianças típicas e atípicas: para o último grupo, na ausência de estruturas, sejam elas físicas ou cognitivas, que lhe possibilitasse determinada habilidade, a mesma irá desenvolver estratégias

compensatórias, que seriam mecanismos compensatórios que lhe possibilitam o desenvolvimento mesmo ante as deficiências (AGUIAR, 2015). Trata-se do conceito de compensação, que se caracteriza como a reação do organismo ante o defeito. Assim o defeito não seria só uma ausência de algo, mas estímulo necessário para despertar outras habilidades.

A partir da análise de Vigotski, compreendemos que não há mais desenvolvimento ou menos desenvolvimento, mas desenvolvimentos diferentes, que necessitam de mediações ou estímulos particulares, próprios às singularidades inerentes a cada indivíduo.



Links para os textos:

http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teorica_e_a_influencia_na_educacao.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.

<https://novaescola.org.br/conteudo/382/lev-vygotsky-o-teorico-do-ensino-como-processo-social>. Acesso em: 19 abr. 2020

Dica de reflexão

Qual a relação
entre o tema
estudado e o
vídeo
apreciado
no início
do encontro?



Terceiro momento

Deficiência intelectual: o que precisamos saber

Agora vamos abordar a deficiência intelectual. Assim, os objetivos desse encontro são:

Objetivo geral: conhecer a deficiência intelectual;

Objetivos específicos:

- Discutir a história das pessoas com deficiência intelectual;
- Conhecer as nomenclaturas destinadas a estas pessoas ao longo da história;
- Discutir os avanços sociais e educacionais das pessoas com deficiência;
- Relacionar a teoria histórico cultural de Vigotski às pessoas com deficiência intelectual.

Podemos iniciar essa discussão ouvindo a música “Ser diferente é normal” de Gilberto Gil, disponível no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=XpG6DoORPIs>. A opção dessa música em libras está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=8_vtA5Xz4CE. E na página seguinte podemos conferir a letra da música.

A letra da música já é bastante sugestiva, mas pode-se abrir para o grupo caso alguém queira comentar sobre a letra.

Para fomentar a discussão sugerimos os artigos “Deficiência intelectual: conhecer para intervir” de Erenice Natália Soares de Carvalho e “Deficiência Mental: aprendizagem e desenvolvimento” de Lorena Resende Carvalho. Ambos abordam a questão da deficiência intelectual, no entanto, enquanto o primeiro apresenta um pouco a história dessas pessoas, das nomenclaturas, entre outros, o último faz uma relação entre a teoria histórico cultural de Vigotski e a deficiência intelectual.

Na sequência apresentamos um resumo dos principais pontos sobre este tema e ao final deste tópico você encontrará o link de acesso aos textos na íntegra. Lembre-se: a leitura dos textos na íntegra é uma forma de aprofundar e enriquecer o debate.

Ser diferente é normal

Todo mundo tem seu jeito singular
De ser feliz, de viver e de enxergar
Se os olhos são maiores ou são orientais
E daí, que diferença faz?

Todo mundo tem que ser especial
Em oportunidades, em direitos, coisa e tal
Seja branco, preto, verde, azul ou lilás
E daí, que diferença faz?

Já pensou, tudo sempre igual?
Ser mais do mesmo o tempo todo não é tão legal
Já pensou, sempre tão igual?
Tá na hora de ir em frente:
Ser diferente é normal!
Ser diferente é normal!
Ser diferente é normal!

Ser diferente é normal!
Todo mundo tem seu jeito singular
De crescer, aparecer e se manifestar
Se o peso na balança é de uns quilinhos a mais
E daí, que diferença faz?
Todo mundo tem que ser especial
Em seu sorriso, sua fé e no seu visual
Se curte tatuagens ou pinturas naturais
E daí, que diferença faz?
Já pensou, tudo sempre igual?
Ser mais do mesmo o tempo todo não é tão legal
Já pensou, sempre tão igual?
Tá na hora de ir em frente:
Ser diferente é normal!

Vamos lá então...

A terminologia Deficiência Intelectual (DI), como conhecemos hoje, é algo muito recente. Ao longo dos anos a classificação das pessoas com DI passou por muitas modificações em sua nomenclatura, a maioria delas carregadas de conceitos excludentes como idiotia, debilidade mental, prejuízo mental e subnormalidade mental.

Só recentemente, por volta do século XX, com o advento de novas concepções e discussões políticas a respeito deste assunto, passou-se a fomentar a mudança de tal termo, justamente como forma de minimizar a denotação pejorativa.

Souza (2011) nos pontua que por volta de 1920 a 1950 se inicia, então, o processo de educação dentro de espaços de centros e hospitais psiquiátricos. O que antes era visto de cunho religioso, seguido da visão médico organicista, passa então a dar lugar para novas possibilidades e ser visto dentro de um viés mais social e humano. Observamos, assim, os primeiros passos para a educação especial, abandonando, um pouco, os modelos médicos e nos aproximando dos modelos sociais (BARROCO, 2007).

Em 1960, surge o modelo social da deficiência, que leva em consideração as condições sociais de interação do indivíduo e questões de cunho pedagógico para o trato de pessoas com deficiência intelectual. Em meados do século XX, o governo transfere a responsabilidade de educar estas pessoas para as associações filantrópicas, quando surgem as APAES e as Pestalozzis. Souza (2011) relata que, por volta dos anos de 1950 a 1970, cabia às instituições filantrópicas a instrução de pessoas com deficiência intelectual para o trabalho.

Hoje já é possível perceber um avanço no diagnóstico de pessoas com deficiência intelectual, que ultrapassa o que outrora era visto somente dentro do âmbito da medicina, quando eram diagnosticados com base em testes de QI. Dessa forma, Pletcher et al. (2015) apresentam que "uma nova visão que, sem excluir os níveis de QI como referentes para diagnosticar a deficiência intelectual busca ampliar o horizonte de análise e compreensão" (PLETCHER *et al.*, 2015, p. 11).

Nessa perspectiva, como pessoa passível de desenvolvimento e aprendizagem, Vigotski salienta que é por meio do convívio com outras crianças que a criança com deficiência pode dar um salto e apresentar avanços. O atenta para a necessidade de criar estratégias que privilegiam a interação de forma a potencializar o desenvolvimento da pessoa com deficiência (SILVA *et al.*, 2013).

Assim, para trabalhar com pessoas com limitações intelectuais, ou de outra natureza, está em questão facultar o desenvolvimento de modo que lhe favoreça a aprendizagem de conhecimentos historicamente construídos, buscando propiciar uma aprendizagem dinâmica.

É importante, mais uma vez, esclarecer que não estamos afirmando que com tais ações a pessoa com deficiência intelectual chegará a obter capacidades intelectuais iguais às pessoas com desenvolvimento típico. Entendemos que não há condição biologizante que pré-determine a capacidade de aquisição de conhecimento de cada indivíduo. Logo, em hipótese alguma, devemos subestimar as capacidades intelectuais das pessoas com deficiência (BENTES, 2011).



Os textos abordados estão disponíveis na íntegra nos endereços:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/12845>

<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/298>



Sugerimos ainda, em complementaridade, os vídeos “Dê uma ajudinha a si mesmo, reveja seus conceitos” e “Deficiência intelectual”. Disponíveis, respectivamente, em:

<https://www.youtube.com/watch?v=qz3P61V6JWk>

<https://www.youtube.com/watch?v=vfGBuSeP8a0>

Quarto momento

Você sabia que os jogos servem de distração e ensinamento desde as primeiras civilizações?

Isso mesmo! Os jogos entretêm a humanidade desde o início das civilizações e eram utilizados para ensinar às crianças necessidades cotidianas como a arte da guerra, da caça etc.



A importância dos jogos e brincadeiras na prática pedagógica

Neste encontro abordaremos a importância dos jogos na educação e como podem auxiliar no processo de ensino aprendizagem de todos os alunos e aqueles com alguma deficiência. Dessa forma temos como objetivos:

Objetivo geral: conhecer um pouco a importância dos jogos na educação.

Objetivos específicos:

- Compreender como os jogos podem contribuir para a aprendizagem;
- Fazer uma relação entre os jogos como mediadores de aprendizagem.

Sugerimos iniciar o encontro com a exibição do vídeo “Jogos Lúdicos no desenvolvimento da Criança”, disponível no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=RhR6lxv9iO8>, e podemos fomentar esta discussão com os artigos “O jogo como recurso de aprendizagem” de Luciana Bianchin e Maysa Alahmar Alves e “Jogos Educativos “ de Joceline Mausolff Grübel e Marta Rosecler Bez. Ao final do tópico deixamos os links dos textos sugeridos.

Vamos lá então...

Há registros de que os jogos entretêm a humanidade desde as primeiras civilizações. Dados, tabuleiros, jogos de salão, entre outros, há muito são utilizados pelos seres humanos, ora para divertir, para simular batalhas, ou para ensinar questões cotidianas, os mesmos sempre estiveram presente na sociedade, dessa forma buscavam “colocar as pessoas em situações nas quais vencer ou perder dependem das escolhas feitas adequadamente logo no início das partidas, os jogos se mostraram como excelente ferramenta para o desenvolvimento da personalidade e da inteligência das crianças” (DISCURSUS, 2020, p. 1).

Desde o início das civilizações, o homem já fazia uso da ludicidade na educação, para o ensino. Algumas descobertas históricas mostram que desde a Grécia e Roma antigas, os jogos e as brincadeiras já eram utilizados no ensino escolar (NEVES; SANTIAGO, 2010).

Apesar de há muito já se falar sobre a importância do lúdico como recurso educacional, só recentemente, de maneira mais científica, com embasamento teórico, veio à tona este tema, cujos pioneiros são Piaget e Vigotski. Talvez porque durante um vasto período histórico, a sociedade não via a criança da maneira como a concebemos hoje.

Sabemos que entre as coisas que as crianças gostam, está o brincar, e tal ato configura-se como um direito atribuído. Tal ação é livre e surge a qualquer hora e entre seus principais benefícios está o fato de relaxar, não exigir um produto final, envolver, ensinar, desenvolver habilidades, além de levar a criança ao mundo imaginário. Sem contar que por meio dos jogos, brinquedos e brincadeiras as crianças vivenciam as mais diversas experiências sensoriais.

No entanto é necessário conhecer a criança de acordo com sua singularidade para planejar as práticas pedagógicas, vez que em qualquer grupo social as crianças avançam de formas diferentes, dessa forma é importante respeitar seus ritmos e a diversidade de seus interesses (KISHIMOTO, 2006).

Entre os aspectos importantes dos jogos na infância, Kishimoto (2006) destaca que enquanto brinca, a criança não está preocupada em adquirir conhecimento, menos ainda em desenvolver qualquer habilidade mental ou física. Os jogos são caracterizados com o sentido de prazer, de alegria. Neste aspecto, propicia o desenvolvimento moral e social da criança. O brincar possibilita à criança tornar-se mais flexível e procurar alternativas de ação. Assim, "o jogo contempla várias formas de representação da criança ou suas múltiplas inteligências, contribuindo para a aprendizagem e desenvolvimento infantil" (KISHIMOTO, 2006, p. 36).

O biólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget exerce fundamental importância na compreensão dos jogos e desenvolvimento infantil. Para este teórico o desenvolvimento está ligado ao processo de maturação biológica natural do indivíduo, por outro lado a aprendizagem é adquirida em função do desenvolvimento, sendo o professor o principal provocador da aprendizagem.

Atualmente encontramos muitos jogos educativos e cabe ao educador selecionar e avaliá-los buscando utilizá-los da melhor forma possível. Esses podem ser agentes transformadores da educação, mas, vai depender muito da forma como serão utilizados e explorados. Os educadores têm papel fundamental, pois é através do contexto, reflexão crítica e intervenções que os jogos educativos vão contribuir para o desenvolvimento dos educandos e a construção da aprendizagem (GRÜBEL; BEZ, 2006).

O jogo é capaz de auxiliar no processo de aprendizagem, mesmo que este desenvolvimento não ocorra da mesma forma em todas as crianças, dada a particularidade de cada uma.

Desse modo, a utilização de jogos, brinquedos e brincadeiras configuram-se como importantes aparatos pedagógicos, no exercício do ensino, como facilitadores no processo de mediação, assim como no processo de desenvolvimentos das ZDP's de

todos os alunos, inclusive aqueles com deficiência intelectual. Assim, o uso dos jogos, brinquedos e brincadeiras como estratégias de ensino para alunos com deficiência intelectual pode ser um recurso facilitador e de grande potencial neste processo. Mais que isso, é dar oportunidade a esta criança de compreender a linguagem do jogo, deixá-la desenvolver-se sem preocupações pertinentes ao mundo adulto, fazendo aquilo que ela mais gosta, brincar.



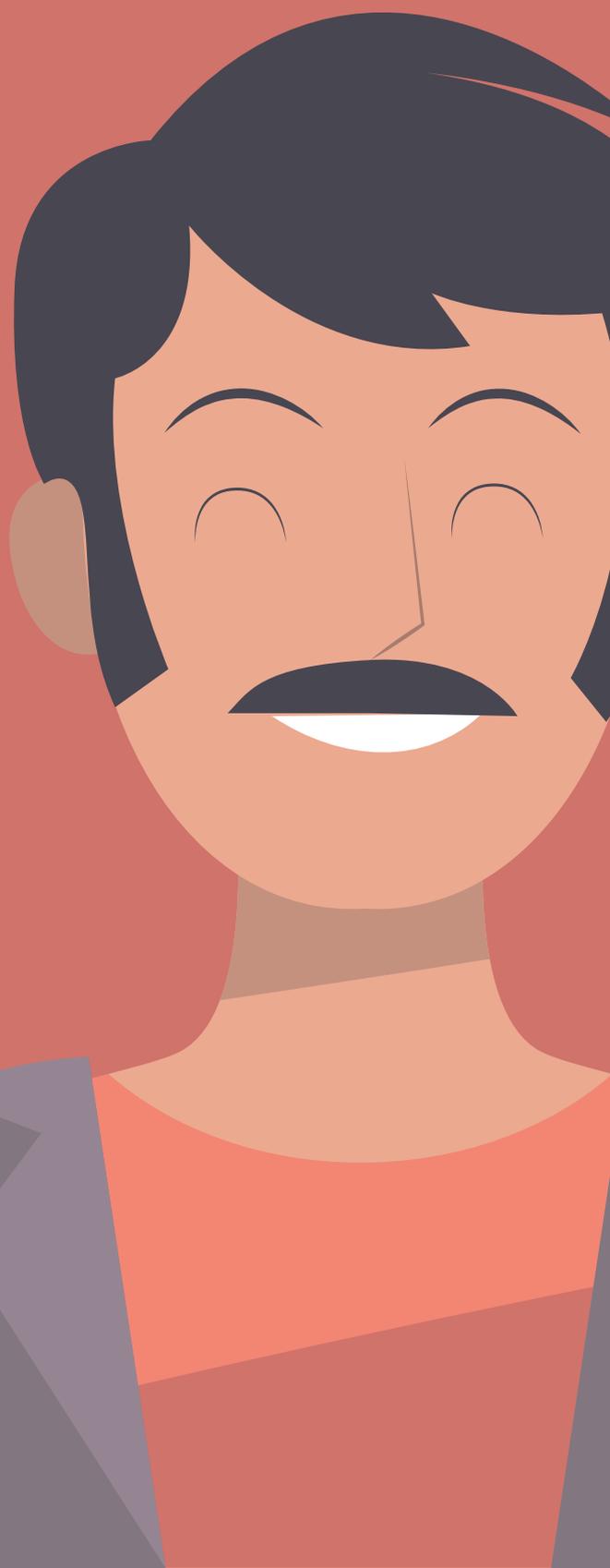
Os artigos sugeridos neste encontro estão disponíveis a seguir:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pi=S0103-84862010000200013

<https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/14270/0>

Quinto momento

Falar sobre avaliação nem sempre é algo fácil, certo? E mais difícil ainda, é compreender como avaliar os alunos com deficiência intelectual.



Um novo olhar sobre os aspectos avaliativos para alunos público-alvo da educação especial.

Neste recorte buscaremos compreender como podemos avaliar os alunos com deficiência. Desde já podemos adiantar que não devemos pensar em planejamento homogêneo e menos ainda em avaliação homogênea.

Este tópico tem o seguinte objetivos:

Objetivo geral: conhecer a avaliação de alunos com deficiência;

Objetivos específicos:

- Conhecer a abordagem de teóricos acerca da avaliação das pessoas com deficiência;
- Compreender como avaliar alunos com deficiência;
- Discutir formas de avaliação desse grupo.

Sugerimos, para iniciar a discussão, apresentar o trecho do vídeo “Simples como amar” disponível no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=VTrJTLaHi0k>. O vídeo nos apresenta como uma avaliação somente de caráter quantitativo pode afetar de forma negativa a vida de um aluno com deficiência intelectual.

Para trazer à tona este tema deixamos como sugestão o artigo “A avaliação na educação especial: instrumento para promoção de aprendizagem” de Deusodete Rita da Silva Aimi e Maria Ivonete Barbosa Tamboril. Ao final do tópico há o link disponível para ter acesso ao texto completo.

Neste texto as autoras nos apontam a importância de pensar a forma de avaliar os alunos público-alvo da educação especial. Para elas a avaliação formativa configura-se como a mais adequada quando nos referimos ao público em questão, vez que nos apresenta possibilidades de obtermos melhores resultados com estes alunos. Neste processo avaliativo, por não ser de caráter classificatório e pontual, a avaliação é tratada como um processo de reflexão, em que mais que apontar onde os estudantes chegaram nos aponta os novos percursos a serem percorridos na busca por aprendizagem. A avaliação tem papel fundamental na vida de todos os envolvidos dentro do processo de ensino, uma vez que é a partir dela que todos os envolvidos poderão refletir sobre os avanços e as melhorias necessárias nas formas de planejar para todos.

Cabe ao professor da Educação Básica planejar e organizar formas diversificadas de avaliação, vez que todos os estudantes têm direito de participar de todos os processos que permeiam o processo de ensino e entre estes está o processo avaliativo, que

precisa ser visto de forma singular. Para tal compreendemos que à escola caberá renovar-se para atender a todos os estudantes, observando as particularidades de cada um.

Quando tratamos de prática escolares inclusivas, não estamos nos referindo apenas a um ensino adaptado para pessoas com deficiência, mas um ensino que abarque a todos, em que a todos que participam do processo sejam oferecidas condições de aprender respeitando suas particularidades. Cabe ainda lembrar que as práticas escolares inclusivas não significam um ensino adaptado para alguns estudantes, mas um ensino diferente para todos, em que todos os envolvidos no processo tenham condições de aprender.

É muito comum os estudantes com deficiência intelectual sentirem culpa por não aprender como os demais, por constrangimento ou outros motivos, assim optam pela postura de não querer saber, ou aprender, uma recusa ao compreender as atividades propostas, como forma de mascarar esta dificuldade, percebem mais facilidade em apresentar um comportamento de não querer fazer do que não saber fazer, tornando-se esta evidência ainda mais comum nos estudantes de maior idade. Cabe ao professor compreender esta dificuldade e pensar em estratégias que possam auxiliá-los (ambos, professor e aluno) no momento da avaliação, pensando em uma avaliação não como punição, mas perspicaz, com novas possibilidades para tomar decisões.

Devemos partir do princípio de que todos os educandos são capazes de aprender, independente de sua idade cronológica, de suas particularidades e limitações, prevalecendo, assim, o respeito às especificidades e ao tempo de cada um.

Dessa forma, ao longo do artigo as autoras nos apontam como possibilidades avaliativas portfólios, entrevistas, observação e registros das atividades individuais ou em grupo realizadas pelos alunos, o diário de classe, relatórios, fichas, entre outros. E no caso dos alunos com deficiência intelectual é extremamente importante se atentar para as características de aprendizagens próprias desses estudantes como o ritmo de aprendizagem, níveis de abstração entre outros (AIMI; TAMBORIL, 2011).

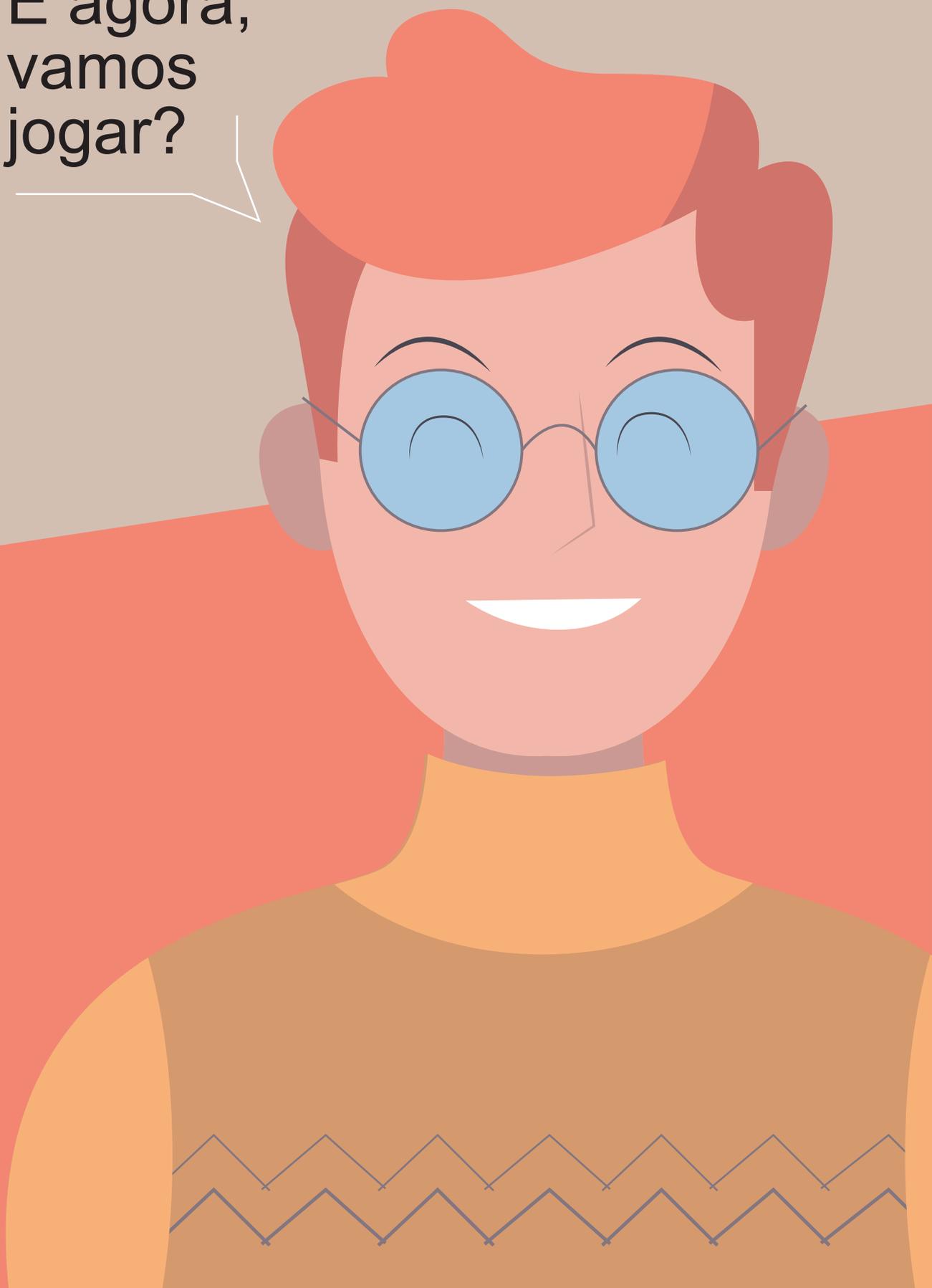


O artigo encontra-se na íntegra no endereço

<https://docplayer.com.br/11573156-A-avaliacao-na-educacao-especial-instrumento-para-promocao-de-aprendizagem.html>

Sexto momento

E agora,
vamos
jogar?



Sugestões de jogos como possibilidades de inclusão para o ensino de ciências

Neste tópico vamos abordar alguns jogos como possibilidades de inclusão para o ensino de ciências. Assim, temos como objetivos:

Objetivo geral: apresentar alternativas de jogos como proposta de inclusão para trabalhar ciências em sala de aula regular.

Objetivos específicos:

- Apresentar os jogos, seu caráter interdisciplinar e as possibilidades de adaptação;
- Discutir sua utilização no contexto de sala de aula regular para o ensino de ciências;
- Apresentar o jogo sobre o viés de propostas que se abrem para outras possibilidades;

Com esta intencionalidade preparamos dois jogos denominados “Bingo dos mamíferos em extinção” e “Trilha da dengue” como possibilidades de construção e adaptação de jogos para o ensino de conteúdos curriculares de ciências. A proposta visa fomentar a possibilidade de adaptação e adequação de jogos para ensinar ciências de forma mais lúdica com fim a promover inclusão. Os dois jogos citados têm a particularidade de estarem presentes em nosso cotidiano, partindo do princípio da importância de se abordar temas com base na realidade de nossos educandos. Sendo possível ao aluno compreender a realidade social em que vive, entendê-la e nela intervir. Esta habilidade está inteiramente interligada às práticas do ambiente escolar.

Não podemos deixar de mencionar que os jogos construídos para este trabalho são somente possibilidades, cabendo ao professor no momento da prática pedagógica adequá-los à sua realidade, ao contexto, à realidade de cada sala de aula assim como cada educando. Os jogos utilizados encontram-se na íntegra ao final de deste trabalho, nos anexos.

Iniciaremos aqui com o jogo “Bingo dos mamíferos em extinção”, construído e adaptado pela autora do projeto.

Apresentação do jogo:

Trata-se de um jogo de cartelas (BINGO) organizado para trabalho em sala de aula. Os conteúdos explorados apresentam-se sob o viés interdisciplinar e o mesmo pode ser adaptado e aplicado às turmas do Ensino Fundamental II, desde que realizadas as devidas adequações.

Objetivos:

Trabalhar o tema mamíferos com os alunos, levando em consideração as questões ambientais, abordando a ação humana e discutindo qual nosso papel neste processo.

Apresentação das partes integrantes, cartelas e “cartas-pedras”:

O jogo é composto por 20 cartelas, em cada uma delas temos a quantidade de 9 espécies de mamíferos em extinção, tendo como habitat o território brasileiro, muitas dessas espécies endêmicas de nosso território. Ao todo foram pesquisadas 23 espécies diferentes, a fim de compor uma maior variedade de espécies entre as cartelas, dessa forma as mesmas foram organizadas de modo a não haver repetição.

Cada cartela traz a categoria de risco de extinção de cada espécie apresentado de acordo com o “Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção volume II – mamíferos 2018” organizado pelo Ministério do Meio Ambiente através do Instituto Chico Mendes de Conservação Da Biodiversidade, quais sejam: espécies vulneráveis (representadas com a cor amarela), espécies em perigo (cor laranja), espécie criticamente em perigo (cor vermelha). Esta identificação é representada nas cartelas através de círculos, de modo que ao identificar a cor pertencente a cada espécie o aluno terá ideia da vulnerabilidade daquele indivíduo. A seguir, apresentamos na Figura 1 um modelo de cartela.

Figura 1 – Modelo da cartela do “Bingo dos mamíferos”



Temos ainda as “cartas-pedras”, em total de 23, e cada uma delas com um mamífero em extinção da fauna brasileira. Estas “cartas-pedras” trazem informações sobre cada espécie como o nome científico, nome popular, características, dieta, habitat, peso, comprimento, longevidade, categoria de risco de extinção, uma reflexão e por último uma pista que visa facilitar ao jogador identificar de qual animal trata-se aquela carta.

No campo “pista” temos uma informação que sugere o nome da espécie. Esta informação pode ser de cunho científico ou não, podendo ser uma piada, um ditado popular, entre outros. Este item visa também dar uma nuance de descontração ao aspecto formal da “carta-pedra”. Apresentamos a seguir na Figura 2, dois exemplares das “cartas-pedras”.

Figura 2 – Modelo de “cartas-pedra”



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Modo de jogar:

O jogo pode ser desenvolvido em duplas e cada dupla receberá uma cartela. Será entregue aos alunos algo para marcar a cartela, por exemplo, uma tampinha de garrafa pet.

O professor ou um aluno embaralhará as cartas-pedras, dispendo-as sobre a mesa com a frente voltada para baixo, aleatoriamente. Ao pegá-las é necessário ler todas as informações contidas, com exceção do nome popular da espécie e, de acordo com as informações passadas, os jogadores deverão ir marcando quais animais acreditam encaixar-se no perfil apresentado.

Caso haja empate, o desempate ocorrerá por meio das cartas-pedras, vencerá aquele que pegar a carta com o animal em situação de maior vulnerabilidade com relação à extinção, caso este critério se repita, tal articulação ocorrerá até que haja um vencedor.

Possibilidades interdisciplinares do jogo:

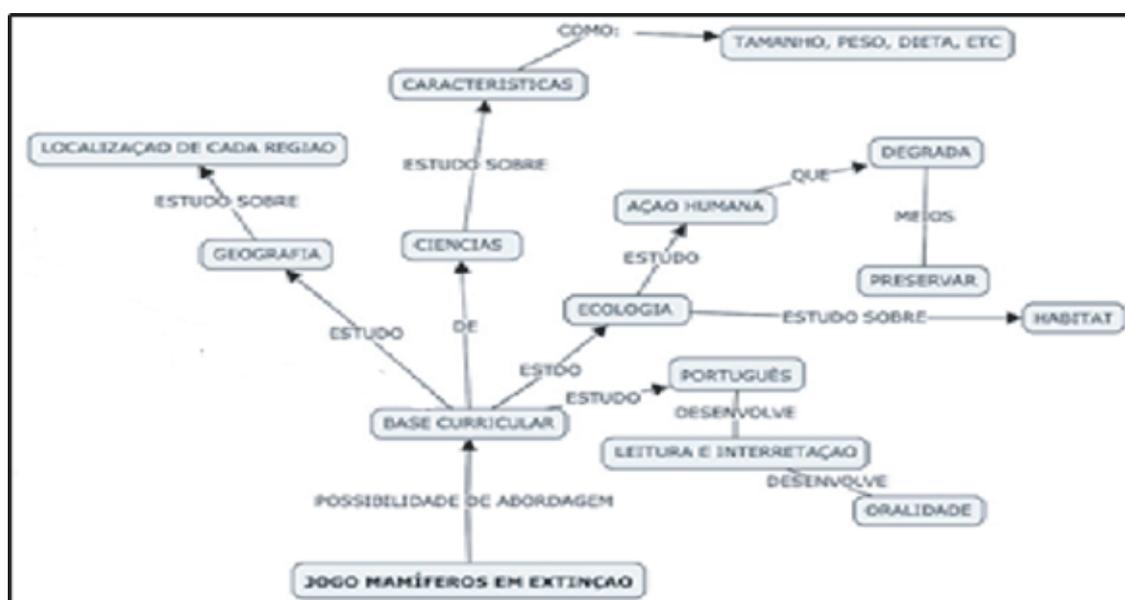
Português: leitura e interpretação das “cartas-pedras”, oralidade;

Geografia: localização das regiões onde encontra-se cada espécie;

Ciências e Ecologia: mamíferos e suas características, degradação do meio ambiente devido a ação humana, habitat e a importância da preservação do meio para a manutenção das espécies;

O mapa mental da Figura 3 a seguir visa ilustrar um pouco essa dimensão.

Figura 3 – Mapa mental de interdisciplinaridade a partir do jogo



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Possibilidades adaptativas inclusivas para variadas formas de deficiência:

* O jogo é escrito em letra bastão maiúscula com vistas a abranger um maior número de alunos.

* Ampliação das figuras e cartelas;

* Adaptação da parte escrita para reglete ou propor as figuras ou nomes em alto relevo, ou ainda, propor a confecção de miniaturas dos animais em algum material que seja moldável;

* Dependendo da particularidade do aluno pode ser trabalhada a oralidade como os nomes dos animais, cores, habitat etc;

Todas as informações utilizadas (inclusive imagens) para a construção do jogo foram retiradas do “Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção volume II – mamíferos 2018” organizado pelo Ministério do Meio Ambiente, através do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

Agora, vejamos o segundo jogo organizado, denominado **Trilha da Dengue**.

O tabuleiro Trilha da Dengue trata-se de um jogo de trilha organizado para ser trabalhado em sala de aula, também de modo interdisciplinar, podendo ser adaptado e aplicado em todo o Ensino Fundamental, a partir do segundo ano, desde que realizadas as devidas adequações.

O jogo é composto por 43 casas, com perguntas pertinentes ao tema dengue, abordando as formas de prevenção, sintomas, vetor, origem do nome científico etc e foi calculado para uma medida de 50x70 cm, o que corresponde aproximadamente a uma folha de papel cartão.

As casas são dispostas formando o percurso que os jogadores devem percorrer de acordo com o avanço conquistado ao responder cada pergunta pertinente ao tema. Todo ele é escrito em letra bastão maiúscula com vistas a abranger o maior número de alunos possível, desta forma, tanto aqueles que já são alfabetizados quanto aqueles que se encontram em processo inicial de alfabetização terão acesso à leitura (mesmo que em partes) do jogo.

Todo o percurso das casas é indicado com setas que auxiliam os alunos a seguir o curso corretamente. Outro ponto significativo é que no tabuleiro, encontramos imagens ilustrativas sobre prevenção e sintomas entre outros, que objetivam auxiliar os discentes nas possíveis respostas. Para cada casa há a figura e cada uma representa a quantidade de casas que cada jogador deverá percorrer variando de 1 a 4 casas, sendo assim o jogador deverá se atentar para a quantidade de casas que cada figura representa, a quantidade de casas que deverá pular.

O trajeto a ser percorrido levará o vencedor à vacina contra esta doença. Esta disposição foi pensada justamente como estratégia que visa levar à reflexão, uma vez que para a ciência, por se tratar de um vírus, uma das melhores formas de tratamento seria por meio de vacinas preventivas. Assim, Pereira (2018) em seus estudos sobre eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação aponta que a vacina é de extrema “relevância na erradicação ou controle de diversas doenças infecto-contagiosas” (PEREIRA, 2018, p. 2).

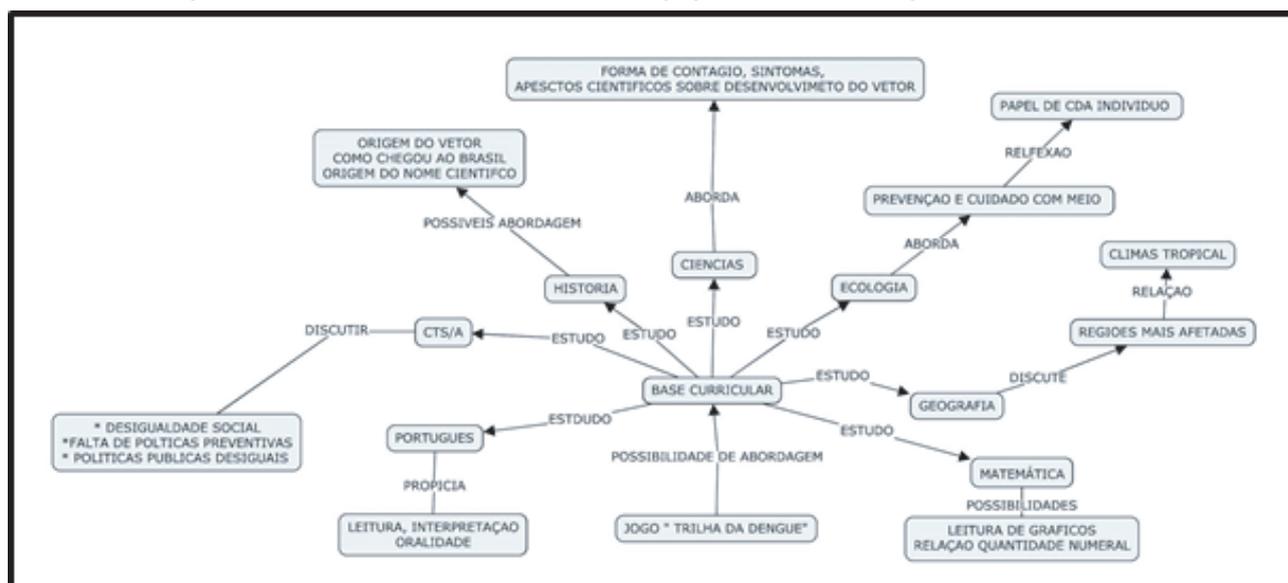
As informações e algumas imagens necessárias para construção do jogo foram retiradas do site do Ministério da Saúde, Minha vida e Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein.

Objetivos do jogo:

Facilitar o processo de alfabetização científica e, a partir do tema dengue, explorar a interdisciplinaridade entre matemática, geografia, português, biologia, ciências.

Para percorrer a trilha sugerimos um dado composto apenas por 3 pontos. Esta alternativa é uma tentativa de levar o discente a passar pelo maior número de casas possível, dessa forma aumenta a probabilidade de discussão sobre os vários apontamentos do tema. O jogo apresenta-se sob o viés interdisciplinar vez que trabalha conteúdos como Ciências ao abordar o tema propriamente dito; português, pois requer leitura e interpretação; história, já que apresenta um pouco sobre a história desse inseto; geografia, ao apresentar as regiões mais afetadas, entre outros. A seguir na Figura 5 apresentamos um mapa conceitual da abordagem.

Figura 5 – Mapa conceitual a partir do jogo Trilha da Dengue



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Modo de jogar:

De 2 a 6 jogadores individuais ou em duplas, a fim de não tumultuar as partidas, sendo esta última sugestão como a mais pertinente ao nosso compreender, uma vez que o jogo foi pensado como forma de promover a inclusão, e a ideia de um trabalho em conjunto é bastante pertinente. Dessa forma, pode ser pensado na possibilidade de ser jogado aos pares, onde um aluno ao interagir com o outro promova mediação e ambos serão beneficiados neste processo de construção do saber.

Após formadas as duplas ou separado os jogadores, é o momento de escolher quem irá iniciar o trajeto, para isto os alunos podem tirar no par ou ímpar, ou zerinho ou um.

Iniciada a partida, o jogador lançará o dado e caminhará a quantidade de casas apontadas pelo dado. Ao chegar na casa, seguirá a ordem discriminada na qual cair. Caso ele consiga responder corretamente poderá seguir em frente, lembrando que para cada casa há uma quantidade de passos para serem seguidos, de acordo com o símbolo. Se o aluno ou a dupla não responder corretamente, perde o direito de seguir em frente e passa a vez para o próximo aluno ou dupla, aguardando o seu momento de jogar novamente. Vence o aluno ou dupla que chegar primeiro ao final da trilha.

Materiais necessários para montar o jogo após impresso:

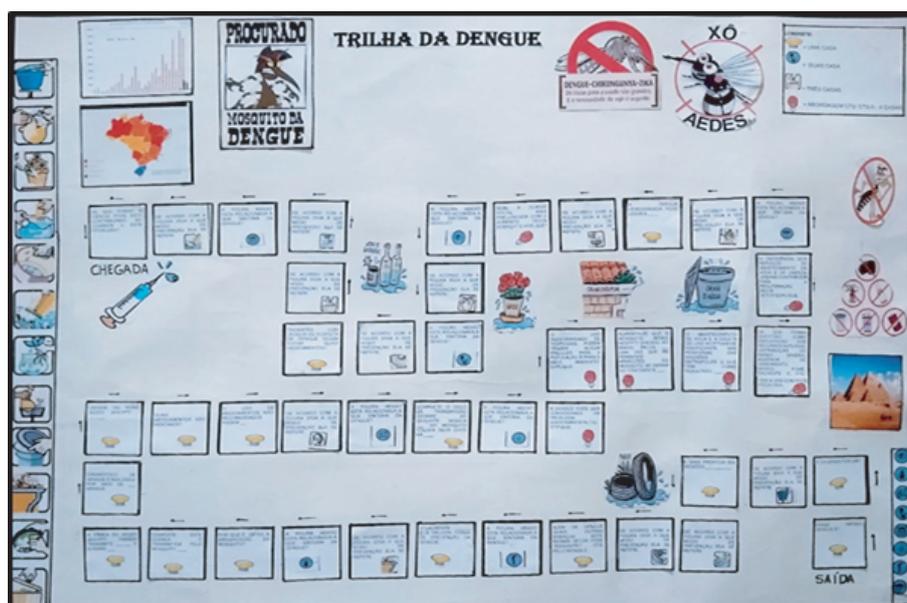
- Cola, tesoura, papel cartão branco, um durex colorido;
- Um dado adaptado de 1 a 3 pontos, uma canetinha preta (a critério);
- Marcadores para as casas (pode ser tampinha de pincel, de garrafa descartável ou qualquer outro objeto que seja possível fazer o percurso no tabuleiro).

Modo de montagem:

Após imprimir o jogo, o professor ou aluno poderá dispor das casas e das figuras de modo a formar um percurso como julgar mais adequado. Podendo ficar à vontade para

criar um outro trajeto, pois não há uma ordem exata de agrupamento das casas. Lembramos que a proposta é que os próprios alunos construam o jogo em conjunto com seus pares, pois, nesta perspectiva, o jogo ficará com características próprias, manualmente construído, como veremos a seguir, na Figura 6.

Figura 6 – Proposta de percurso no jogo Trilha da Dengue



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Um aspecto relevante e que não podemos deixar apresentar aqui, é que o uso de jogos, principalmente os concretos como tabuleiros e trilhas, entre outros, viabilizam um ensino diferenciado, possível, “palpável “ e real, visto que nós educadores, na maioria das vezes lecionamos em escolas públicas e nem sempre dispomos de recursos de alto custo.

Observamos ainda que o uso do jogo não contempla a abordagem de todo o conteúdo a respeito do tema em questão, o que torna necessário, antes da aplicação, a sua contextualização de modo bem sistematizada, e assim, o jogo passa a atuar com o objetivo de aprimorar ou aprofundar aquele conteúdo que anteriormente já foi explanado, tornando-se um instrumento, um recurso didático facilitador do processo de mediação de conhecimento.

Professores e formadores,
chegamos ao final de nossa
discussão, sabemos que
quanto à inclusão este trabalho
é apenas um recorte e que
ainda há muito a ser discutido
no contexto escolar.

Desejamos a vocês boas
práticas e que todas
elas sejam inclusivas,
apesar dos desafios.
Lembrem-se de que
incluir é um desafio,
porém justo e
possível!!

Até a próxima.



Referências

AGUIAR, Ana Maria Bianchi. **Calcanhar de Aquiles**: a avaliação do aluno com deficiência intelectual no contexto escolar. 2015. 264 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/2222/1/tese_8549_TESE%20revisada%2003-07.pdf. Acesso em: 2 maio 2020.

AIMI, D. R. S.; TAMBORIL, M. I. B. A avaliação na educação especial: instrumento para promoção de aprendizagem. In: CONPE – CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL: caminhos trilhados, caminhos a percorrer, 2011, Maringá/PR. **Anais...** Maringá-PR, 2011.

APS, L. R. M. M.; PIANTOLA, M. A. F.; PEREIRA, S. A.; CASTRO, J. T.; SANTOS, F. A. O.; FERREIRA, L. C. S. Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica. **Rev. de Saúde Pública**, São Paulo, v. 52, n. 40, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/6T6JH8wZHMgqVsVkjZ85xLm/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 maio 2020.

BARROCO, Sonia Mari Shima. **A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L. S. Vigotski**: implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais. 2007. 415 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara-SP, 2007. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/101588/barroco_sms_dr_arafcl_prot.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 2 abr. 2020.

BENTES, Nilda de Oliveira. Vigotski e a educação especial: notas sobre suas contribuições. **Revista Cocar**, Belém, v. 4, n. 7, pp. 1-8, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/41/31>. Acesso em: 4 mar. 2020.

CAMPOS, Orlando Narvaes de; REIS, Karina Pregolato; FRANCO, Márcia Villar; FIALHO, Marcelito Lopes. Nuances entre o passado e o presente no tratamento das pessoas com deficiência: vencendo o preconceito. **Intraciencia Revista Científica**, Guarujá, ed. 17, pp. 1-9, mar. 2019. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20190312104958.pdf. Acesso em: 27 ago. 2021.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **E-ped**, Osório, v. 2, n. 1, pp. 144-152, ago. 2012. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teorias_e_a_influencia_na_educacao.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.

COTONHOTO, Larissy Alves. **Currículo e atendimento educacional especializado na Educação Infantil**: possibilidades e desafios à inclusão escolar. 2014. 275 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1087/1/Tese.%20Larissy.Texto.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

GRÜBEL, Joceline Mausolff; BEZ, Marta Rosecler. Jogos educativos. **Revista Renote Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, pp. 1-7, dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/14270/8183>. Acesso em: 28 mar. 2020.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida *et al.* **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

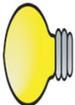
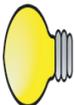
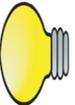
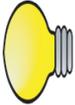
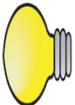
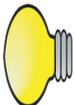
MAFRA, Sônia Regina Côrrea. **O lúdico e o desenvolvimento da criança deficiente intelectual**. Secretaria de Estado da Educação/Programa de Desenvolvimento Educacional, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2444-6.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2020.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão, diferença e deficiência: sentidos, deslocamentos, proposições. **Ibict**, Brasília, v. 10, n. 2, pp. 37-46, 2008. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4030/3366>. Acesso em: 14 abr. 2020.

NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lydia B. **O uso dos jogos teatrais na educação**: possibilidade diante do fracasso escolar. 2. ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2010.

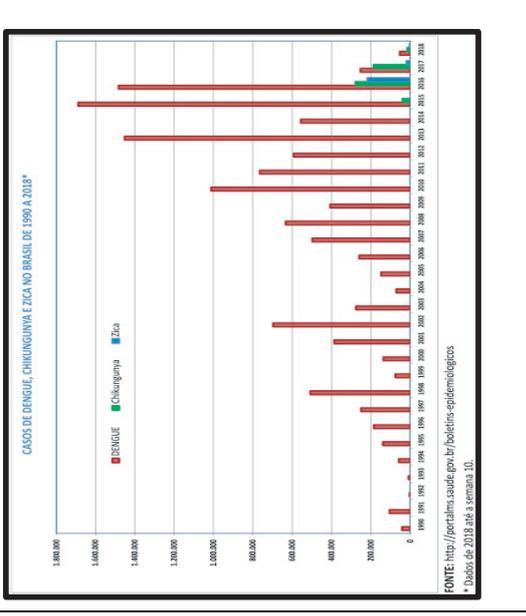
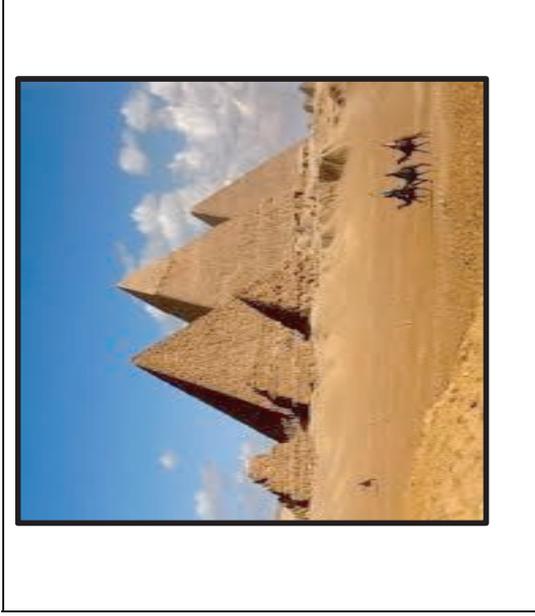
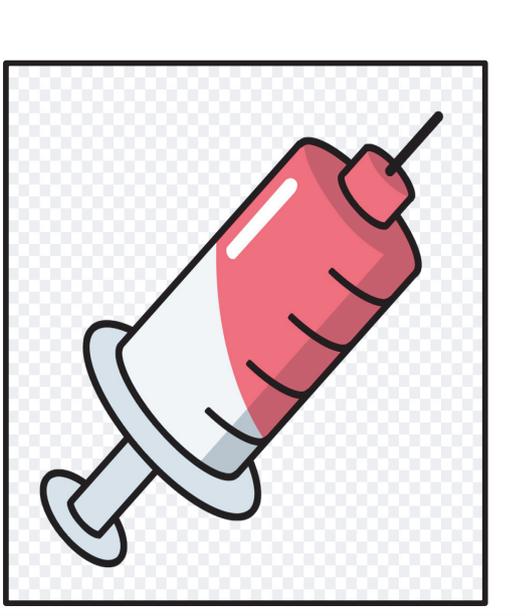
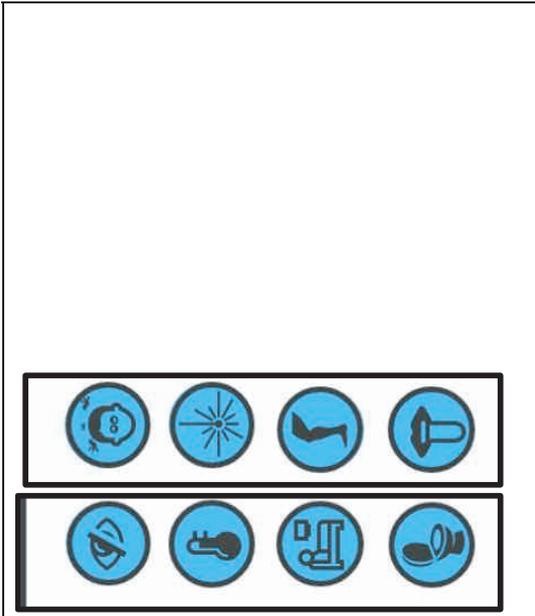
SOUZA, Carlos Henrique Gomes. **Pessoa com deficiência intelectual**: desafios para a inclusão nas empresas do Polo Industrial de Manaus\AM. 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=18139@1>. Acesso em: 27 mar. 2020.

Jogo Trilha da Dengue

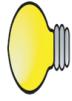
<p>PENSE RÁPIDO: O QUE É DENGUE?</p> 	<p>COMPLETE: É CAUSADA POR UM ___?</p> 	<p>COMPLETE : ESTA DOENÇA É TRANSMITIDA PELO MOSQUITO _____.</p> 	<p>É MAIS PROPÍCIA EM REGIÕES _____.</p> 
<p>ATUALMENTE, _____ É A MELHOR FORMA DE PREVENÇÃO DA DENGUE.</p> 	<p>ALÉM DE DENGUE QUAIS OUTRAS DOENÇAS ESTE MESMO VETOR PODE TRANSMITIR? CITE PELO MENOS 2.</p> 	<p>A FIGURA ABAIXO ESTÁ RELACIONADA A QUE SINTOMA DA DENGUE?</p> 	<p>A FIGURA ABAIXO ESTA RELACIONADA A QUE SINTOMA DA DENGUE?</p> 
<p>A FIGURA ABAIXO ESTA RELACIONADA A QUE SINTOMA DA DENGUE?</p> 	<p>A FIGURA ABAIXO ESTA RELACIONADA A QUE SINTOMA DA DENGUE?</p> 	<p>A FIGURA ABAIXO ESTÁ RELACIONADA A QUE SINTOMA DA DENGUE?</p> 	<p>A FIGURA ABAIXO ESTA RELACIONADA A QUE SINTOMA DA DENGUE?</p> 

<p>A FIGURA ABAIXO ESTA RELACIONADA A QUE SINTOMA DA DENGUE?</p> 	<p>A FIGURA ABAIXO ESTA RELACIONADA A QUE SINTOMA DA DENGUE?</p> 	<p>COMPLETE: A DENGUE HEMORRÁGICA, PODE LEVAR À _____.</p> 	<p>COMPLETE: O CICLO DE TRANSMISSÃO OCORRE DO SEGUINTE MODO: A _____ DO MOSQUITO COLOCA SEUS OVOS NA _____.</p> 
<p>ORIGEM DO NOME AEDES AEGYPTI: _____</p> 	<p>POR QUE É DIFÍCIL A ERRADICAÇÃO DO MOSQUITO?</p> 	<p>A FÊMEA DO AEDES AEGYPTI TAMBÉM TRANSMITE _____ E A FEBRE _____.</p> 	<p>DIAGNÓSTICO DE DENGUE É REALIZADO POR MEIO DE _____ SANGUE.</p> 
<p>PACIENTES COM DENGUE OU SUSPEITA DE DENGUE DEVEM EVITAR QUAIS MEDICAMENTOS?</p> 	<p>O USO DE MEDICAMENTOS NÃO RECOMENDADOS PODEM _____.</p> 	<p>QUAIS MEDICAMENTOS SÃO INDICADOS?</p> 	<p>DE ACORDO COM A FIGURA DIGA A QUE MODO DE PREVENÇÃO ELA SE REFERE.</p> 
<p>DE ACORDO COM A FIGURA DIGA A QUE MODO DE PREVENÇÃO ELA SE REFERE.</p> 	<p>DE ACORDO COM A FIGURA DIGA A QUE MODO DE PREVENÇÃO ELA SE REFERE.</p> 	<p>DE ACORDO COM A FIGURA DIGA A QUE MODO DE PREVENÇÃO ELA SE REFERE.</p> 	<p>DE ACORDO COM A FIGURA DIGA A QUE MODO DE PREVENÇÃO ELA SE REFERE.</p>  <p>SE REFERE _____.</p>

<p>DE ACORDO COM A FIGURA DIGA A QUE MODO DE PREVENÇÃO ELA SE REFERE.</p> 	<p>DE ACORDO COM A FIGURA DIGA A QUE MODO DE PREVENÇÃO ELA SE REFERE.</p> 	<p>DE ACORDO COM A FIGURA DIGA A QUE MODO DE PREVENÇÃO ELA SE REFERE.</p> 	<p>DE ACORDO COM A FIGURA DIGA A QUE MODO DE PREVENÇÃO ELA SE REFERE.</p> 
<p>DE ACORDO COM A FIGURA DIGA A QUE MODO DE PREVENÇÃO ELA SE REFERE.</p> 	<p>DE ACORDO COM A FIGURA DIGA A QUE MODO DE PREVENÇÃO ELA SE REFERE.</p> 	<p>DE ACORDO COM A FIGURA DIGA A QUE MODO DE PREVENÇÃO ELA SE REFERE.</p> 	<p>A DENGUE PODE SER CONSIDERADA UM PROBLEMA SOCIOAMBIENTAL? JUSTIFIQUE.</p> 
<p>DE QUE FORMA QUESTÕES COMO EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS, DISTRIBUIÇÃO DE RENDA, MISÉRIA, AUSÊNCIA DE SANEAMENTO BÁSICO, FOME, ENCHENTE E ETC. TEM A VER COM ESTE PROBLEMA.</p> 	<p>A DEFICIÊNCIA DOS SERVIÇOS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA E DE LIMPEZA URBANA CONTRIBUEM PARA A PROLIFERAÇÃO DESTE VETOR? EXPLIQUE.</p> 	<p>O ABASTECIMENTO DE ÁGUA E A COLETA DE LIXO MOSTRAM-SE INSUFICIENTE NAS PERIFERIAS DAS GRANDES METRÓPOLES O QUE TEM COMO RESULTADO _____.</p> 	<p>ACREDITA-SE QUE O MOSQUITO AEDES AEGYPTI CHEGOU AO BRASIL PELOS _____, UMA VEZ QUE AS PRIMEIRAS APARIÇÕES DO MOSQUITO SE DERAM NO CONTINENTE _____.</p> 
<p>DE QUE FORMA A CIÊNCIA PODE ESTÁ CONTRIBUINDO NO COMBATE A ESTE PROBLEMA?</p> 	<p>QUAL A CLASSE SOCIAL MAIS PREJUDICADA COM O AUMENTO DESTA DOENÇA? E POR QUÊ?</p> 	<p>O USO INDISCRIMINADO DE PESTICIDAS PODEM TRAZER ALGUM PREJUÍZO PARA A POPULAÇÃO E PARA O MEIO AMBIENTE?</p> 	



LEMBRETE



VALE 1 CASA



VALE 2 CASAS

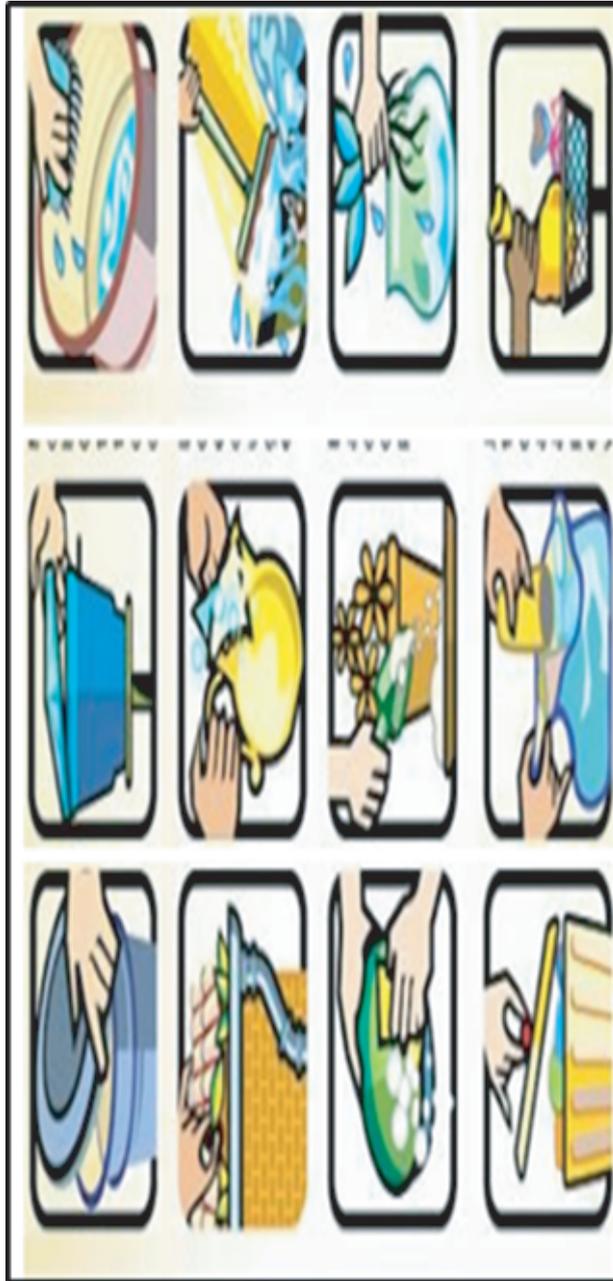


VALE 3 CASAS



VALE 4 CASAS





Jogo Mamíferos em Extinção

Bradypus torquatus



Foto: Fred Luchto

PREGUIÇA-DE-COLEIRA

CARACTERÍSTICAS: A DIETA DESTA ESPÉCIE É ESTRITAMENTE FOLIVORA;
PESO: MÉDIO 10 KG;
COMPRIMENTO: CERCA DE 60 A 70CM;
HABITAT: ENDÊMICA DO BRASIL DA MATA ATLÂNTICA;
LONGEVIDADE: EM MÉDIA 12 ANOS;
CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: VULNERÁVEL;
REFLEXÃO: MOTIVO DA EXTINÇÃO: DESMATA MENTO DECORRENTE DE EXPANSÃO AGRÍCOLA OU PECUÁRIA, A EXPANSÃO URBANA, O AUMENTO DA MATRIZ RODOVIÁRIA E INCÊNDIOS;
PISTA: DIZ-SE DAQUELA PESSOA QUE NÃO GOSTA DE TRABALHAR.

Ozotoceros bezoarticus bezoarticus



Foto: Daphne Chelles-Marins (2016)

VEADO-CAMPEIRO

CARACTERÍSTICAS: SE ALIMENTA DE FLORES, FOLHAS NOVAS, GOMOS E ARBUSTOS;
PESO: PODE CHEGAR ATE 35 KG;
COMPRIMENTO: MEDE CERCA DE 1M;
HABITAT: SUL DO RIO AMAZONAS;
LONGEVIDADE: EM MÉDIA 15 ANOS;
CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: VULNERÁVEL;
REFLEXÃO: MOTIVO DA EXTINÇÃO: DEVIDO À DIMINIÇÃO DA EXTENSÃO DE OCORRÊNCIA E QUALIDADE DO HABITAT, CAÇA, ENFERMIDADES E INTOXICAÇÃO;
PISTA: USA SEUS CHIFRES NAS DISPUTAS POR TERRITÓRIO;

Tapirus terrestris



Foto: Michaela S / Shutterstock.com

ANTA

CARACTERÍSTICAS: SUA DIETA É COMPOSTA PRINCIPALMENTE POR FOLHAS E FIBRAS, FRUTOS;
PESO: PODE CHEGAR ATE 250 KG;
COMPRIMENTO: MEDE CERCA DE 1,20 CM;
HABITAT: MATA ATLÂNTICA E CERRADO;
LONGEVIDADE: EM MÉDIA 30 ANOS;
CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: VULNERÁVEL;
REFLEXÃO: MOTIVO DA EXTINÇÃO: DESMATA MENTO, PECUÁRIA E DENSIDADE HUMANA.
PISTA: NO MODO POPULAR DIZ-SE DAQUELA PESSOA QUE NÃO É ESPERTA, INTELIGENTE;

Alouatta guariba guariba



Foto: Heider Torres

GUARIBA

CARACTERÍSTICAS: HERBÍVORO;
PESO: ATÉ 7,15 KG;
COMPRIMENTO: MEDE CERCA DE 1,25 CM DA CABEÇA A CAUDA;
HABITAT: ENDÊMICA DO BRASIL RESTRITA AO BIOMA MATA ATLÂNTICA;
LONGEVIDADE: DESCONHECIDA;
CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: CRITICAMENTE EM PERIGO;
REFLEXÃO: AS PRINCIPAIS AMEAÇAS SÃO: ASSENTAMENTOS RURAIS, AGRICULTURA, PECUÁRIA, PREDUÇÃO POR ESPÉCIE EXÓTICA, DESMATA MENTO, DESCONEXÃO DE HABITAT, REDUÇÃO DE HABITAT E CAÇA;
PISTA: É UM PRIMATA QUE EMITE SONS, SUA APARÊNCIA É PRÓXIMA AO MICO-LEÃO-DOURADO;

Lonchophylla dekeyseri Taddei, Vizotto & Sazima



Foto: Vinícius c. Claudio

MORCEGUINHO-DO-CERRADO

CARACTERÍSTICAS: NECTARÍVOROS;
PESO: 10-12 GRAMAS;
COMPRIMENTO: 34,7-37,7 MM, CRÂNIO CURTO ENTRE 22,0-22,6 MM .
HABITAT: NO BRASIL, FOI REGISTRADA NOS ESTADOS DE GOIÁS, MINAS GERAIS, MATO GROSSO, MATO GROSSO DO SUL, PIAUÍ, TOCANTINS, DISTRITO FEDERAL E PERNAMBUCO;
LONGEVIDADE: DESCONHECIDA;
CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: EM PERIGO;
REFLEXÃO: PRINCIPAIS AMEAÇAS À ESPÉCIE DESMATAMENTO DA ÁREA DE SUA DISTRIBUIÇÃO, CONVERTIDA EM AGRICULTURA E CIDADES;
PISTA: E PSEUDÔNIMO DO SUPER HERÓI EM QUADRINHOS " BATMAN".

Pteronura brasiliensis



Foto: Dane Jorgensen / Shutterstock.com

ARIRANHA

CARACTERÍSTICAS: CARNÍVORO;
PESO: MÉDIO DE 24 KG;
COMPRIMENTO: MÉDIO DE 1,1;
HABITAT: PANTANAL E BACIA DO RIO AMAZONAS;
LONGEVIDADE: EM MÉDIA 11 A 15 ANOS;
CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: VULNERÁVEL;
REFLEXÃO: AS PRINCIPAIS AMEAÇAS À ESPÉCIE SÃO: DESTRUIÇÃO DO HABITAT, SUPEREXPLORAÇÃO DA PESCÁ;
PISTA: É CONHECIDA COMO ONÇA-DÁGUA, LONTRA GIGANTE, LOBO DO RIO, TEM CORPO ALONGADO E SE ALIMENTA DE PEIXES;

Myrmecophaga tridactyla Linnaeus



Foto: Christian Musat / Shutterstock.com

TAMANDUÁ-BANDEIRA

CARACTERÍSTICAS: SUA ALIMENTAÇÃO É CONSTITUÍDA PRINCIPALMENTE POR FORMIGAS E CUPINS; É EXTINTA NO ES;
PESO: CHEGA A 45 KG;
COMPRIMENTO: ATÉ 1,20M;
HABITAT: NO BRASIL ESTÁ PRESENTE EM TODOS OS BIOMAS BRASILEIROS;
LONGEVIDADE: EM MÉDIA 30 ANOS;
CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: VULNERÁVEL;
REFLEXÃO: MOTIVO DA EXTINÇÃO: INCÊNDIO, AGRICULTURA, PECUÁRIA, DESMATAMENTO, AUMENTO DA MATRIZ RODOVIÁRIA, REDUÇÃO DE HABITAT;
PISTA: SUA CAUDA PARECE UM ESPANADOR;

Priodontes maximus.



Foto: Mirnilb Couto@VC no IG

TATU-CANASTRA

CARACTERÍSTICAS: SUA DIETA É CONSTITUÍDA PRINCIPALMENTE DE CUPINS E FORMIGAS E OCASIONALMENTE DE OUTROS INSETOS, ARANHAS, MINHOCAS, LARVAS, COBRAS E CARNIÇA;
PESO: CHEGA 60 A 80 KG;
COMPRIMENTO: ATÉ 75 A 100 CM;
HABITAT: AMAZÔNIA, PANTANAL E CERRADO E FLORESTA TROPICAL;
LONGEVIDADE: EM MÉDIA 12 A 15 ANOS;
CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: VULNERÁVEL;
REFLEXÃO: MOTIVO DA EXTINÇÃO: INCÊNDIO, AGRICULTURA, DESMATAMENTO, AUMENTO DA MATRIZ RODOVIÁRIA E CAÇA;
PISTA: DIZ-SE DAQUELA CRIANÇA QUE TEM UNHAS GRANDE E BRINCA NA TERRA;

Marmosops paulensis



Fotos: Rodolfo Stumpp/vuica

CUÍÇA

CARACTERÍSTICAS: ALIMENTAM DE ARTRÓPODES, FRUTOS, FLORES E PEQUENOS VERTEBRADOS É ENDÊMICA DO BRASIL;
PESO: 16 E 70 GRAMAS;
COMPRIMENTO: ATÉ 39 CM ENTRE CABEÇA E CAUDA;
HABITAT: ENDÊMICA DO BRASIL MATA ATLÂNTICA DOS ESTADOS DO PARANÁ, SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS;
LONGEVIDADE: EM MÉDIA 3 A 4 ANOS;
CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: CRITICAMENTE EM PERIGO;
REFLEXÃO: A ESPÉCIE É FORTEMENTE AFETADA PELA FRAGMENTAÇÃO DA FLORESTA;
PISTA: SUA APARÊNCIA ASSEMELHA-SE A DE UM RATO;

Trichechus inunguis



Foto: Christian Mueat / Shutterstock.com

PEIXE-BOI-DA-AMAZÔNIA

CARACTERÍSTICAS: A ESPÉCIE É ESTRITAMENTE HERBÍVORA;
PESO: CHEGA A 420 KG;
COMPRIMENTO: ATÉ 2,75 M;
HABITAT: PRINCIPAIS RIOS DA BACIA AMAZÔNICA;
LONGEVIDADE: EM MÉDIA 30 ANOS;
CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: VULNERÁVEL;
REFLEXÃO: MOTIVO DA EXTINÇÃO: A CAÇA INDISCRIMINADA;
PISTA: EMBORA SEJA UM PEIXE, EM SEU NOME TEM UM BOVINO;

Tolypeutes tricinctus



Foto: Mark Payne-Gill/AFP/VEJA

TATU-BOLA

CARACTERÍSTICAS: ALIMENTA-SE PRINCIPALMENTE DE CUPINS É A ÚNICA ESPÉCIE ENDÊMICA DO BRASIL;
PESO: 1,0 A 1,8 KG;
COMPRIMENTO: ATÉ 30 CM;
HABITAT: ESPÉCIE ENDÊMICA DO BRASIL CAATINGA E AO CERRADO BRASILEIRO
LONGEVIDADE: EM MÉDIA 17 ANOS
CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: EM PERIGO;
REFLEXÃO: MOTIVO DA EXTINÇÃO: A CAÇA E A PERDA DE HABITAT, PARA AGRICULTURA, DESMATAMENTO;
PISTA: FOI O MASCOTE DA COPA NO BRASIL EM 2014;

Eubalaena australis



Foto: Divulgação/ND

BALEIA-FRANCO-DO-SUL

CARACTERÍSTICAS: COSTUMAM SE ALIMENTAR DE GRANDES CONCENTRAÇÕES DE ZOOPLÂNCTON;
PESO: ATÉ 56 T;
COMPRIMENTO: ATÉ 18 M;
HABITAT: LITORAL CENTRO-SUL DE SANTA CATARINA E NORTE DO RIO GRANDE DO SUL;
LONGEVIDADE: EM MÉDIA 65 A 70 ANOS;
CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: EM PERIGO;
REFLEXÃO: AS PRINCIPAIS AMEAÇAS SÃO COLISÕES COM EMBARCAÇÕES E EMALHAMENTO EM ARTEFATOS DE PESCA, E A CAÇA ILEGAL.
PISTA: ESTÁ NA CATEGORIA DE MAIOR ANIMAL MARINHO;

Inia geoffrensis

Fotos: Daphinne Cheiles Martins (2016)

BOTO-COR-DE-ROSA

CARACTERÍSTICAS: PREDOMINANTEMENTE PISCIVORO, ALIMENTA-SE DE MAIS DE 50 DIFERENTES ESPÉCIES DE PEIXES;

PESO: EM MÉDIA 200 KG;

COMPRIMENTO: ATÉ 2,55 M;

HABITAT: É ENDÊMICA DOS RIOS DA BACIA AMAZÔNICA;

LONGEVIDADE: EM MÉDIA ATÉ 45 ANOS;

CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: VULNERÁVEL;

REFLEXÃO: AS PRINCIPAIS AMEAÇAS À ESPÉCIE SÃO A POLUIÇÃO, A FRAGMENTAÇÃO E MODIFICAÇÃO DE HABITAT DEVIDO À CONSTRUÇÃO DE USINAS HIDRELÉTRICAS ALÉM DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL COM O ASSOREAMENTO DOS RIOS, SÃO AMEAÇAS INDIRETAS QUE PODEM PREJUDICAR A MANUTENÇÃO DAS POPULAÇÕES DA ESPÉCIE;

PISTA: REZA A LENDA QUE EM DIAS DE FESTA ELE SAI DO RIO EM SE TRANFORMA-SE EM UM LINDO RAPAZ PARA CONQUISTAR AS MOÇAS RIBEIRINHAS.

L. leontopithecus caissara Lorini & Persson

Foto: Ceiso Mangraf

MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA

CARACTERÍSTICAS: SUA DIETA CONSISTE BASICAMENTE DE UMA VARIEDADE DE INSETOS, PEQUENOS VERTEBRADOS, OVOS DE PASSAROS E FRUTOS;

PESO: 685 G;

COMPRIMENTO: MEDE 22 A 32 CM;

HABITAT: É UMA ESPÉCIE ENDÊMICA E RESTRITA À MATA ATLÂNTICA DO LITORAL NORTE DO PARANÁ, ILHA DE SUPERAGUI E LITORAL SUL DE SÃO PAULO;

LONGEVIDADE: DESCONHECIDA;

CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: EM PERIGO;

REFLEXÃO: EXPANSÃO URBANA, DESMATAMENTO, DESCONEXÃO DE HABITAT, REDUÇÃO DE HABITAT, FALTA DE PROTEÇÃO EM ÁREAS DE POSSÍVEL OCORRÊNCIA SÃO AS MAIORES CAUSAS DE SUA EXTINÇÃO;

PISTA: É "IRMÃO" MICO-LEÃO-DOURADO.

Sotalia guianensis

Foto do Instituto Boto Cinza

GOLFINHO-CINZA

CARACTERÍSTICAS: SUA DIETA É COMPOSTA PRINCIPALMENTE DE PRESAS DE HABITO DE NADO EM CARDUMES EM MAR ABERTO;

PESO: 121 KG;

COMPRIMENTO: ATÉ 2,06 M;

HABITAT: DISTRIBUI-SE DE HONDURAS AO SUL DO BRASIL;

LONGEVIDADE: EM MÉDIA 31 ANOS;

CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: VULNERÁVEL;

REFLEXÃO: AS PRINCIPAIS AMEAÇAS À ESPÉCIE SÃO AS CAPTURAS ACIDENTAIS EM OPERAÇÕES DE PESCA, AS CAPTURAS INTENCIONAIS PARA USOS DIVERSOS, A PERDA DE HABITAT PARA A CONSTRUÇÃO DE PORTOS, MARINAS E CONDOMÍNIOS, A POLUIÇÃO SONORA E A CONTAMINAÇÃO QUÍMICA;

PISTA: É PARENTE DO BOTO-ROSA.

L. leontopithecus rosalia

Foto: Kfhas 2000/Flickr

MICO-LEÃO-DOURADO

CARACTERÍSTICAS: SUA DIETA CONSISTE BASICAMENTE DE UMA VARIEDADE DE INSETOS, PEQUENOS VERTEBRADOS, OVOS DE PASSAROS E FRUTOS;

PESO MÉDIO: 615 G;

COMPRIMENTO: MEDE CERCA DE 32 CM;

HABITAT: ENDÊMICO DA MATA ATLÂNTICA, RIO DE JANEIRO;

LONGEVIDADE: EM MÉDIA 16 ANOS;

CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: EM PERIGO;

REFLEXÃO: CAUSAS DA EXTINÇÃO: INCÊNDIO, ASSENTAMENTOS RURAIS, EXPANSÃO URBANA, REDUÇÃO DE HABITAT. EXPANSÃO EXTRAÇÃO DE PETRÓLEO;

PISTA: DIZ-SE QUANDO PASSA SITUAÇÃO VEXATÓRIA, SEU NOME TEM O NOME DO REI DA FLORESTA E SUA COR É IGUAL AO OURO;

Sapajus cay



Fotos/ Pixabay

MACACO-PREGO

CARACTERÍSTICAS: SE ALIMENTA DE FRUTAS, SEMENTES, RAMOS NOVOS, OVOS DE AVES, INSETOS E ATÉ VERTEBRADOS DE PEQUENO PORTE;

PESO MÉDIO: 3,500 KG,;

COMPRIMENTO: MEDE CERCA 95 CM DA CABEÇA A CAUDA;

HABITAT: ENDÊMICO DO BRASIL OCORRE NOS ESTADOS DO MATO GROSSO E MATO GROSSO DO SUL;

LONGEVIDADE: EM MÉDIA 50 ANOS EM CATIVEIRO;

CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: VULNERÁVEL;

REFLEXÃO: PRINCIPAIS MOTIVOS PARA A EXTINÇÃO : INCÊNDIO, ASSENTAMENTOS RURAIS, AGRICULTURA, PECUÁRIA, EXPANSÃO URBANA, VULNERABILIDADE A EPIDEMIAS, DESMATAMENTO, POLUIÇÃO DE AMBIENTES, CAÇA;

PISTA: É UM PRIMATA, EM SEU NOME TEM O NOME DE UM OBJETO MUITO USADO POR CARPINTEIROS, PARA USAR ESTE OBJETO PRECISA DE UM MARTELO;

Chaetomys subpinosus



Foto: Instituto Últimos Refúgios

OURIÇO-PRETO

CARACTERÍSTICAS: A ESPÉCIE É FOLÍVORA; PESO: 1,3 QUILOS;

COMPRIMENTO: DE CABEÇA E CORPO DE 38 A 45 CM;

HABITAT: É ENDÊMICO DO BRASIL, OCORRENDO NA MATA ATLÂNTICA DO SUL DO ESPÍRITO SANTO AO EXTREMO SUL DE SERGIPE;

LONGEVIDADE: DESCONHECIDA; **CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO:** VULNERÁVEL;

REFLEXÃO: PRINCIPAIS AMEAÇAS A PERDA DE HABITAT É A PRINCIPAL AMEAÇA DETECTADA PARA A CONSERVAÇÃO A LONGO-PRAZO DA ESPÉCIE;

PISTA: É UM ROEDOR, PORÉM TEM O NOME DE UMA ANIMAL MARINHO QUE TEM O CORPO COBERTO POR ESPINHOS;

Chrysocyon brachyurus



Foto de Adriano Gambairini

LOBO-GUARÁ

CARACTERÍSTICAS: É UMA ESPÉCIE ONÍVORA, CONSUMINDO UMA GRANDE DIVERSIDADE DE FRUTOS E PEQUENOS VERTEBRADOS, COMO ROEDORES, MARSUPIAIS, TATUS, AVES, RÉPTEIS;

PESO MÉDIO: 20 E 33 QUILOS;

COMPRIMENTO: 95 E 115 CM;

HABITAT: PORÇÃO LESTE DO BIOMA PANTANAL E, PRINCIPALMENTE NOS CAMPOS SULINOS, NO CERRADO ATÉ A REGIÃO DE TRANSIÇÃO COM A CAATINGA E NOS CAMPOS GERAIS;

LONGEVIDADE: 12 A 15 ANOS EM CATIVEIRO; **CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO:** VULNERÁVEL;

REFLEXÃO: PRINCIPAIS MOTIVOS PARA A EXTINÇÃO: INCÊNDIOS, ASSENTAMENTOS RURAIS, AGRICULTURA, PECUÁRIA, EXPANSÃO URBANA, VULNERABILIDADE A EPIDEMIAS, DESMATAMENTO, POLUIÇÃO DE AMBIENTES, CAÇA;

PISTA: VILÃO DO CONTO INFANTIL CHAPEUZINHO VERMELHO;

Panthera onca



Foto: Catiana Furtado/vcno TG

ONÇA-PINTADA

CARACTERÍSTICAS: CARNÍVORO;

PESO MÉDIO: MÉDIA DE 56 QUILOS;

COMPRIMENTO: 1,2 M;

HABITAT: ESTÁ DISTRIBUÍDA EM QUASE TODOS OS BIOMAS BRASILEIROS, COM EXCEÇÃO DO PAMPA;

LONGEVIDADE: MÉDIA DE 15 ANOS;

CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: VULNERÁVEL;

REFLEXÃO: AS PRINCIPAIS AMEAÇAS À ESPÉCIE SÃO A PERDA E FRAGMENTAÇÃO DE HABITAT, E A ELIMINAÇÃO DE INDIVÍDUOS POR CAÇA OU POR PREDADAÇÃO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS;

PISTA: É O MAIOR FELINO DAS AMÉRICAS, DIZ-SE DAQUELA PESSOA MULHER QUE É BRAVA;

Ateles chamek



Foto: van Dieravris

MACACO-ARANHA-DA- CARA -PRETA

CARACTERÍSTICAS: SUA DIETA PREDOMINANTEMENTE FRUGÍVORA TAMBÉM INCLUI, COM MENOR FREQUÊNCIA, FOLHAS;

PESO : MÉDIO 10 KG;

COMPRIMENTO: CERCA DE 66 CM DE CORPO E 59 DE CAUDA;

HABITAT: NO BRASIL OCORRE PREDOMINANTEMENTE NA REGIÃO DA AMAZÔNIA OCIDENTAL;

LONGEVIDADE: EM MÉDIA 12 ANOS;

CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: VULNERÁVEL;

REFLEXÃO: MOTIVO DA EXTINÇÃO: ASSENTAMENTOS RURAIS, AGRICULTURA, PECUÁRIA; DESMATAMENTO;

PISTA: É UM PRIMATA E SEU NOME LEMBRA UM INSETO QUE CONSTRÓITEIAS;

Puma concolor.



Foto: Picas Cougar

ONÇA-PARDA

CARACTERÍSTICAS: CARNÍVORO;

PESO: 40 E 72 KG;

COMPRIMENTO: MEDE CERCA DE DE 1.080 CM

HABITAT: OCORRER EM TODOS OS BIOMAS;

LONGEVIDADE: : 8 E 10 ANOS;

CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: VULNERÁVEL;

REFLEXÃO: AS PRINCIPAIS AMEAÇAS ATUAIS PARA A ESPÉCIE SÃO: A SUPRESSÃO E FRAGMENTAÇÃO DE HABITAT DEVIDO À EXPANSÃO AGROPECUÁRIA, E A MINERAÇÃO, A EXPLORAÇÃO DE MADEIRA PARA CARVÃO. ALÉM DISSO, A ELIMINAÇÃO DE INDIVDUOS POR CAÇA PREDADAÇÃO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS, QUEIMADAS, PRINCIPALMENTE EM CANAVIAIS, E ATROPELAMENTOS;

PISTA: É UM FELINO E NÃO É PINTADA;

Saguinus bicolor



Foto: Sgelen / Wikimedia Commons

SAUIM-DE-COLEIRA

CARACTERÍSTICAS: ONÍVORO, SUA DIETA CONSISTE DE FRUTAS, FLORES, NÉCTAR, INSETOS, ARANHAS, PEQUENOS VERTEBRADOS E OVOS DE AVES;

PESO: ENTRE 440 E 600 GRAMAS;

COMPRIMENTO: 21 A 23 CM, SUA CAUDA DE 33 A 42 CM;

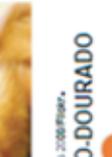
HABITAT: É ENDEMICO DO BRASIL, OCORRENDO NO ESTADO DO AMAZONAS, ONDE É RESIDENTE E NATIVO;

LONGEVIDADE: MÉDIA DE 20 ANOS EM CATIVEIRO;

CATEGORIA DE RISCO DE EXTINÇÃO: CRITICAMENTE EM PERIGO;

REFLEXÃO:PRINCIPAIS AMEAÇAS À ESPÉCIE INCÊNDIOS, PREDACAÇÃO POR ESPÉCIE DOMÉSTICA (CÃES), DESMATAMENTO, REDUÇÃO DE HABITAT, POLUIÇÃO DE AMBIENTES;

PISTA: USA UMA COLEIRA NATURAL NO PESCOÇO;

vulnerável /  EM PERIGO!	CARTELA		CRITICAMENTE EM PERIGO 
 Foto de Adriano Dantas LOBO-GUARÁ 	 Foto: PHELIPANO PREGUIÇA-DE-COLEIRA 	 Foto: Dave Jungmann / Shutterstock.com ARIRANHA 	 Foto: Michael / Shutterstock.com ANTA 
 Foto: Peter Croucher ONÇA-PARDA 	 Foto: Instituto Ulpiano Rodrigues OURIÇO 	 Foto: Christian Meisel / Shutterstock.com TAMANDUÁ-BANDEIRA 	 Foto: Divulgação/ND BALEIA-FRANCO-DO-SUL 
 Foto: Gabriela Substanciação TG ONÇA-PINTADA 	 Foto: Vinícius, Claudio MORCEGUINHO-DO-CERRADÃO 	 Foto: TOSHI 2008/REUTERS MICO-LEÃO-DOURADO 	 Foto: Chris Mearns MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA 
 Foto: Murilo Gualberto TG TATU-CANASTRA 	 Foto: van Driessche MACACO-ARANHA-DA-CARA-PRETA 	 Foto: Daphne Chaves Mendes (2018) BOTO-COR-DE-ROSA 	 Foto: Daphne Chaves Mendes (2018) VEADO-CAMPEIRO 

vulnerável / EM PERIGO!		CARTELA		CRITICAMENTE EM PERIGO	
	<p>Foto: Pixabay</p> <p>MACACO-PREGO</p>		<p>Foto: Instituto Últimos Refúgios</p> <p>OURIÇO</p>		<p>Foto: Roberto Nungu viaistock</p> <p>CUÍCA</p>
	<p>Eliza Pereira e Claudio</p> <p>MORCEGUINHO-DO-CERRADO</p>		<p>Foto: Christian Muzel / Shutterstock.com</p> <p>PEIXE-BOI-DA-AMAZÔNIA</p>		<p>Foto: Gabriela Furlan viaistock TO</p> <p>ONÇA-PINTADA</p>
	<p>Foto: Pixart Cozgar</p> <p>ONÇA-PARDA</p>		<p>Foto do Instituto Boto Cinza</p> <p>GOLFINHO-CINZA</p>		<p>Foto: Gina Jorgensen / Shutterstock.com</p> <p>ARIRANHA</p>

vulnerável / EM PERIGO!		CARTELA		CRITICAMENTE EM PERIGO	
	<p>Foto: Spix's - Wikimedia Commons</p> <p>SAUIJ-DE-COLEIRA</p>		<p>Foto: Daghine Charles Warren / iStock</p> <p>VEADO-CAMPEIRO</p>		<p>Foto: Instituto Últimos Refúgios</p> <p>OURIÇO</p>
	<p>Foto: Christian Muzel / Shutterstock.com</p> <p>TAMANDUÁ-BANDEIRA</p>		<p>Foto: Christian Muzel / Shutterstock.com</p> <p>PEIXE-BOI-DA-AMAZÔNIA</p>		<p>Foto: Gabriela Furlan viaistock TO</p> <p>ONÇA-PINTADA</p>
	<p>Foto: Pixart Cozgar</p> <p>ONÇA-PARDA</p>		<p>Foto do Instituto Boto Cinza</p> <p>GOLFINHO-CINZA</p>		<p>Foto: Michael / Shutterstock.com</p> <p>ANTA</p>

vulnerável / EM PERIGO/	CARTELA		CRITICAMENTE EM PERIGO		
 <p>Foto: Dora Zingman / Shutterstock.com</p> <p>ARIRANHA</p>	 <p>Foto: Felipe Velasco / Wikimedia Commons</p> <p>SAUIM-DE-COLEIRA</p>	 <p>Foto: Vinícius A. Goulão</p> <p>MORCEGUINHO-DO-CERRADO</p>	 <p>Foto: Chris Meyer</p> <p>MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA</p>	 <p>Foto: Roberto Bunga via iStock</p> <p>CUÍCA</p>	 <p>Foto: Mark Payne-Greenfield</p> <p>TATU-BOLA</p>
 <p>Foto: Peter Conger</p> <p>ONÇA-PARDA</p>	 <p>Foto: Heide Torres</p> <p>GUARIBA</p>	 <p>Foto de Adriano Garbato</p> <p>LOBO-GUARÁ</p>	 <p>Foto: Volker ZIEB/Fotostack</p> <p>MICO-LEÃO-DOURADO</p>	 <p>Foto: iStockphoto</p> <p>MACACO-ARANHA-DA-CARA -PRETA</p>	 <p>Foto: David Goodlad</p> <p>BALEIA-FRANCO-DO-SUL</p>

vulnerável / EM PERIGO/	CARTELA		CRITICAMENTE EM PERIGO		
 <p>Foto: Carolina B. Rodrigues / iStockphoto</p> <p>ONÇA-PINTADA</p>	 <p>Foto: Diogenes Chaves Martins (2018)</p> <p>VEADO-CAMPEIRO</p>	 <p>Foto: Diogenes Chaves Martins (2018)</p> <p>BOTO-COR-DE-ROSA</p>	 <p>Foto: Volker ZIEB/Fotostack</p> <p>MICO-LEÃO-DOURADO</p>	 <p>Foto do Instituto Biotropia</p> <p>GOLFINHO-CINZA</p>	 <p>Foto: Felipe Velasco / Wikimedia Commons</p> <p>SAUIM-DE-COLEIRA</p>
 <p>Foto: Volker ZIEB/Fotostack</p> <p>MICO-LEÃO-DOURADO</p>	 <p>Foto: Murilo SOBRAL/ISTOCK PHOTO</p> <p>TATU-CANASTRA</p>	 <p>Foto de Adriano Garbato</p> <p>LOBO-GUARÁ</p>	 <p>Foto: Volker ZIEB/Fotostack</p> <p>MICO-LEÃO-DOURADO</p>	 <p>Foto do Instituto Biotropia</p> <p>GOLFINHO-CINZA</p>	 <p>Foto: iStockphoto</p> <p>MACACO-ARANHA-DA-CARA -PRETA</p>

vulnerável / EM PERIGO		CARTELA		CRITICAMENTE EM PERIGO	
	LOBO-GUARÁ <small>Foto de Adriano Gambarelli</small>		MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA <small>Foto: Carlos Menezes</small>		ANTA <small>Foto: Michael S. Shubert/istock.com</small>
	MACACO-PREGO <small>Foto: Pixabay</small>		PEIXE-BOI-DA-AMAZÔNIA <small>Foto: Christian Mueli / Shutterstock.com</small>		TATU-BOLA <small>Mark Payne-Gould/PIVISA</small>
	BOTO-COR-DE-ROSA <small>Foto: Debrahe Cheltes Martins (2018)</small>		MACACO-ARANHA-DA-CARA-PRETA <small>Foto: van Driemel</small>		CUICA <small>Foto: Rodrigo Bumpo via iStock</small>

vulnerável / EM PERIGO		CARTELA		CRITICAMENTE EM PERIGO	
	ARIRANHA <small>Foto: Dora Jorgensen / Shutterstock.com</small>		PREGUIÇA-DE-COLEIRA <small>Foto: Fred Lumb</small>		BOTO-COR-DE-ROSA <small>Foto: Debrahe Cheltes Martins (2018)</small>
	ONÇA-PINTADA <small>Foto: Gabriela Subtil/istock ID</small>		PEIXE-BOI-DA-AMAZÔNIA <small>Foto: Christian Mueli / Shutterstock.com</small>		LOBO-GUARÁ <small>Foto de Adriano Gambarelli</small>
	GUARIBA <small>Foto: Helzer Torres</small>		GOLFINHO-CINZA <small>Foto do Instituto Biotus Onça</small>		VEADO-CAMPEIRO <small>Foto: Debrahe Cheltes Martins (2018)</small>

vulnerável /  EM PERIGO	CARTELA		vulnerável /  EM PERIGO	CARTELA		CRITICAMENTE EM PERIGO					
 <p>Foto: Peter Cougle</p> <p>ONÇA-PARDA</p> 	 <p>Foto: Carlos Mergat</p> <p>MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA</p> 	 <p>Foto: Adriano Gombosi</p> <p>LOBO-GUARÁ</p> 	 <p>Foto: Vinícius A. Claudio</p> <p>MORCEGUINHO-DO-CERRAD</p> 	 <p>Foto: Roberto Bumpa vitor</p> <p>CUÍÇA</p> 	 <p>Foto: Christian Muiel / Shutterstock.com</p> <p>PEIXE-BOI-DA-AMAZÔNIA</p> 	 <p>Foto: Fred Lutho</p> <p>PREGUIÇA-DE-COLEIRA</p> 	 <p>Foto: Mark Payne-Gillivray</p> <p>TATU-BOLA</p> 	 <p>Foto: Carlos Mergat</p> <p>MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA</p> 	 <p>Foto: Prady</p> <p>MACACO-PREGO</p> 	 <p>Foto: Instituto Ullmann Perigosa</p> <p>OURIÇO</p> 	 <p>Foto: Jody Wilkerson / Corbis</p> <p>SAUIM-DE-COLEIRA</p> 
 <p>Foto: Peter Cougle</p> <p>ONÇA-PARDA</p> 	 <p>Foto: Instituto Ullmann Perigosa</p> <p>OURIÇO</p> 	 <p>Foto: Carlos Mergat</p> <p>MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA</p> 	 <p>Foto: Christian Muiel / Shutterstock.com</p> <p>PEIXE-BOI-DA-AMAZÔNIA</p> 	 <p>Foto: Fred Lutho</p> <p>PREGUIÇA-DE-COLEIRA</p> 	 <p>Foto: Tomas Zidek / Prisma</p> <p>MICO-LEÃO-DOURADO</p> 						

 vulnerável /  EM PERIGO	CARTELA			CARTELA			 CRITICAMENTE EM PERIGO
 <p>Ariranha Foto: Dana Jungreis / Shutterstock.com</p>	 <p>MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA Foto: Chris Margraf</p>	 <p>LOBO-GUARÁ Foto: Adriano Dornelles</p>	 <p>MORCEGUINHO-DO-CERRADO Foto: Vinícius A. Claudio</p>	 <p>PEIXE-BOI-DA-AMAZÔNIA Foto: Christian Muel / Shutterstock.com</p>	 <p>TATU-BOLA Foto: Mark Payne-Guimaraes</p>	 <p>MACACO-PREGO Foto: Pixabay</p>	 <p>TATU-BOLA Foto: Mark Payne-Guimaraes</p>
 <p>ONÇA-PINTADA Foto: Gabriela Substanciaço TTS</p>	 <p>MACACO-ARANHA-DA-CARA-PRETA Foto: Mark Payne-Guimaraes</p>	 <p>ONÇA-PARDA Foto: Pixabay</p>	 <p>OURIÇO Foto: Instituto Udoxoxo Pesquisa</p>	 <p>SAUIM-DE-COLEIRA Foto: Pixabay - 183 animais Comem</p>	 <p>ONÇA-PARDA Foto: Pixabay</p>	 <p>MACACO-PRETO Foto: Pixabay</p>	 <p>ONÇA-PINTADA Foto: Gabriela Substanciaço TTS</p>

vulnerável / EM PERIGO/		CRITICAMENTE EM PERIGO	
 ANTA <small>Foto: Michaelis / Shutterstock.com</small>	 TAMANDUÁ-BANDEIRA <small>Foto: Christian Mueli / Shutterstock.com</small>	 MICO-LEÃO-DOURADO <small>Foto: Klaus Zobernik</small>	 GUARIBA <small>Foto: Heider Torres</small>
 ANTA <small>Foto: Michaelis / Shutterstock.com</small>	 TAMANDUÁ-BANDEIRA <small>Foto: Christian Mueli / Shutterstock.com</small>	 MORCEGUINHO-DO-CERRADO <small>Foto: A. C. Reis</small>	 PREGUIÇA-DE-COLEIRA <small>Foto: Fred Luybo</small>
 TAMANDUÁ-BANDEIRA <small>Foto: Christian Mueli / Shutterstock.com</small>	 ANTA <small>Foto: Michaelis / Shutterstock.com</small>	 PREGUIÇA-DE-COLEIRA <small>Foto: Fred Luybo</small>	 TATU-BOLA <small>Foto: Mark Payne-Galfrivella</small>
 VEADO-CAMPEIRO <small>Foto: Debraire Cheires Martins / 2018</small>	 TATU-CANASTRA <small>Foto: Murilo Casagrande TS</small>	 MACACO-ARANHA-DA-CARA-PRETA <small>Foto: Jeff Corbridge</small>	 TATU-CANASTRA <small>Foto: Murilo Casagrande TS</small>

vulnerável / EM PERIGO/		CRITICAMENTE EM PERIGO	
 ANTA <small>Foto: Michael / Shutterstock.com</small>	 GUARIBA <small>Foto: Heider Torres</small>	 BOTO-COR-DE-ROSA <small>Foto: Dagny Chiles Morris (2018)</small>	 CUÍCA <small>Foto: Roberto Bump volta</small>
 TAMANDUÁ-BANDEIRA <small>Foto: Christian Muel / Shutterstock.com</small>	 GOLFINHO-CINZA <small>Foto do Instituto Selo Cinza</small>	 TATU-BOLA <small>Marta Pinyá-Guillén</small>	 GUARIBA <small>Foto: Heider Torres</small>
 MICO-LEÃO-DOURADO <small>Foto: Klaus 2008/Pixart</small>	 MACACO-ARANHA-DA-CARA-PRETA <small>Foto: Jeff Carlock</small>	 BALEIA-FRANCO-DO-SUL <small>Foto: Doug Wood</small>	 TATU-CANASTRA <small>Foto: MATH QUAROCCHI/ISTOCK</small>
 ARIRANHA <small>Foto: Denis Jirgman / Shutterstock.com</small>	 TAMANDUÁ-BANDEIRA <small>Foto: Christian Muel / Shutterstock.com</small>	 MACACO-ARANHA-DA-CARA-PRETA <small>Foto: Jeff Carlock</small>	 VEADO-CAMPEIRO <small>Foto: Dagny Chiles Morris (2018)</small>
 MICO-LEÃO-DOURADO <small>Foto: Klaus 2008/Pixart</small>	 MACACO-PREGO <small>Foto: Prudley</small>	 MACACO-ARANHA-DA-CARA-PRETA <small>Foto: Jeff Carlock</small>	 CARTELA

vulnerável / EM PERIGO/		CRITICAMENTE EM PERIGO	
 Foto: Michael / Shutterstock.com ANTA	 Foto: Dephine Chaves Martins (2018) VEADO-CAMPEIRO	 Foto: Dephine Chaves Martins (2018) BOTO-COR-DE-ROSA	 Foto: Dephine Chaves Martins (2018) BOTO-COR-DE-ROSA
 Foto: Pixabay MACACO-PREGO	 Foto: Fred Lunko PREGUIÇA-DE-COLEIRA	 Foto: Alex Payne-Gilchrist/USA TATU-BOLA	 Foto: Gabriela Eustáquio TS ONÇA-PINTADA
 Dourado/ABC BALEIA-FRANCO-DO-SUL	 Foto: Chico Mangraf MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA	 Foto: Instituto Uroloos Petrópolis OURIÇO	 Foto: Murilo Cabral/ABC/TS TATU-CANASTRA
 Foto: Dana Jorgensen / Shutterstock.com ARIRANHA	 Foto: Vanessa L. C. Oishi MORCEGUINHO-DO-CERRADO	 Foto: van Dourado MACACO-ARANHA-DA-CARA-PRETA	 Foto: van Dourado MACACO-ARANHA-DA-CARA-PRETA
 Foto: Christian Mueli / Shutterstock.com TAMANDUÁ-BANDEIRA	 Foto: Klaus ZIEBISCHKE MICO-LEÃO-DOURADO	 Foto: Klaus ZIEBISCHKE MICO-LEÃO-DOURADO	 Foto: Klaus ZIEBISCHKE MICO-LEÃO-DOURADO

vulnerável /  EM PERIGO!	CARTELA		CRITICAMENTE EM PERIGO 
 <p>Foto: Dora Jorgensen / Shutterstock.com</p> <p>ARIRANHA </p>	 <p>Foto: Murilo Cabral/CC-BY 3.0</p> <p>TATU-CANASTRA </p>	 <p>Foto: Helder Torres</p> <p>GUARIBA </p>	 <p>Foto: Pixabay</p> <p>MACACO-PREGO </p>
 <p>Foto: Christian Muedl / Shutterstock.com</p> <p>TAMANDUÁ-BANDEIRA </p>	 <p>Foto: Chris Wang</p> <p>MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA </p>	 <p>Foto: Michael / Shutterstock.com</p> <p>ANTA </p>	 <p>Foto: Man Payne-Guappinea</p> <p>TATU-BOLA </p>
 <p>Foto: Klaus 2008/Pixar+</p> <p>MICO-LEÃO-DOURADO </p>	 <p>Foto: Roberto Munzger/vlase</p> <p>CUÍCA </p>	 <p>Foto: Fred Lumb</p> <p>PREGUIÇA-DE-COLEIRA </p>	 <p>Foto: van Doolen</p> <p>MACACO-ARANHA-DA-CARA-PRETA </p>

vulnerável / EM PERIGO/		CRITICAMENTE EM PERIGO	
 Foto: Michael / Shutterstock.com ANTA	 Foto: Dephine Chaves Martins (2018) VEADO-CAMPEIRO	 Foto: Dephine Chaves Martins (2018) BOTO-COR-DE-ROSA	 Foto: Dephine Chaves Martins (2018) BOTO-COR-DE-ROSA
 Foto: Pixabay MACACO-PREGO	 Foto: Fred Lunko PREGUIÇA-DE-COLEIRA	 Foto: Alan Payne-Godfray/USA TATU-BOLA	 Foto: Gabriela Eustáquio TS ONÇA-PINTADA
 Desaparecido BALEIA-FRANCO-DO-SUL	 Foto: Orico Margraf MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA	 Foto: Instituto Ulisses Perigosos OURIÇO	 Foto: Murilo Cabral/USP TS TATU-CANASTRA
 Foto: Dana Jorgensen / Shutterstock.com ARIRANHA	 Foto: Vanessa L. C. Oishi MORCEGUINHO-DO-CERRADO	 Foto: vani Dantas MACACO-ARANHA-DA-CARA-PRETA	 Foto: Klaus ZIEBISCHKE MICO-LEÃO-DOURADO
 Foto: Christian Muehl / Shutterstock.com TAMANDUÁ-BANDEIRA	 Foto: vani Dantas MACACO-ARANHA-DA-CARA-PRETA	 Foto: Dephine Chaves Martins (2018) VEADO-CAMPEIRO	 Foto: vani Dantas MACACO-ARANHA-DA-CARA-PRETA

